

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

JOBSON FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA
A PARTIR DE INFORMAÇÕES DISSEMINADAS EM BLOGS DE FUNK**

**JOÃO PESSOA
2014**



JOBSON FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA A PARTIR DE
INFORMAÇÕES DISSEMINADAS EM BLOGS DE FUNK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação – área de concentração Informação, Conhecimento e Sociedade – Linha de Pesquisa Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mirian de Albuquerque Aquino

Coorientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves

JOÃO PESSOA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

-
- S586i Silva Júnior, Jobson Francisco.
A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk / Jobson Francisco da Silva Júnior. – 2014.
105 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2014.
Área de Concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.
Orientação: Profa. Dra. Mirian de Albuquerque Aquino.
Coorientação: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves
1. Informação musical 2. Disseminação da Informação étnico-racial 3. Cultura 4. Funk
5. Identidade Negra I. Título

CDU 02 (043)

JOBSON FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA A PARTIR DE INFORMAÇÕES DISSEMINADAS EM BLOGS DE FUNK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação – área de concentração Informação, Conhecimento e Sociedade – Linha de Pesquisa Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Mirian de Albuquerque Aquino – PPGCI/UFPB
Orientadora

Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves – PPGCI/UFPB
Coorientador

Alba Cleide Calado Wanderley – CDSA/UFCG
Avaliadora externa

Marckson Roberto Ferreira de Sousa – PPGCI/UFPB
Avaliador interno

A todos os que veem na música a
possibilidade de transformar o mundo.
Dedico.

Agradecimentos

A minha mãe, Maria Cléa, que, com seu amor incondicional, me possibilitou trilhar o caminho que hoje culmina com esta dissertação;

A minha família, meu pai Jobson Francisco e minhas irmãs Pollyanna Karla e Julianna Cavalcante, que são os meus pilares de sustentação;

A minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Mirian Aquino, por partilhar seus saberes com extrema generosidade e de forma muito humana, por acreditar em meu potencial e na importância desta pesquisa e pela autonomia concedida para sua realização;

Ao meu coorientador, o Prof. Dr. Edvaldo Alves, por sempre se mostrar acessível e por me incentivar a desenvolver esta pesquisa, desde os seus primeiros passos como TCC do Curso de Biblioteconomia;

Às colegas, amigas e companheiras, Jussara “Bunitona” Ventura e Leyde “Reitora” Klébica, pelo apoio, pela força e pela partilha para a construção de saberes;

Aos meus amigos, Sadraque Lucena, Stefanny Lucena e Mônica Elisa, pelos momentos de extravasar, sem os quais a conclusão deste trabalho não teria se realizado;

Ao meu amado “Povo do Ceará”, os amigos Raimundo Nonato e Odete Mayra, pelas risadas, pelas discussões dos textos e pelos demais momentos que não cabem nesses agradecimentos;

Às amigas Márcia Elane (Marcinha), Lígia Stansky e Luane Caroline, que, mesmo não podendo estar sempre presente fisicamente, estiveram sempre presentes em pensamento e com energias positivas;

Aos amigos Dayana Pessoa, Edilson Melo, Wendia Oliveira, Roberia Andrade, Lívia Pacheco, Lúcia Maranhão, Luiz Eduardo, Cláudio Augusto, Názia Holanda, Susi Silva e demais companheiros da turma 2012 do PPGCI/UFPB, pelos momentos felizes, sofridos e, às vezes, tristes, que pudemos partilhar na construção de saberes;

Às amigas Ana Roberta Mota, Cleyciane Pereira e Poliana Rezende, que tiver o prazer de conhecer por meio do GEINCOS, com as quais pudemos debater ideias e dar boas risadas;

Ao GEINCOS e ao NEPIERE, a Alba Cleide, Alba Lígia, Alcilene Andrade, Ana Roberta, Antônio Germano, Celly Lima, Cleyciane Pereira, Francielly

Fernandes, Henry Poncio, Izabel Lima, Larissa Almeida, Lebiann Tamar, Lenise Sampaio, Leyde Klébia, Ligia Freitas, Luciana Augusto, Maria Antônia, Mirian Aquino, Poliana Rezende, Sérgio Santana, Stella Santiago, Taianny Cabral, Thais Nascimento, Vanessa Alves e Vânia Leite, pela possibilidade de constituir uma verdadeira família no ambiente acadêmico;

Aos professores e às professoras que compuseram a banca de qualificação, pelas sugestões e pelas arguições que tanto enriqueceram este trabalho e pela maneira como foram realizadas de forma extremamente profissional e educada.

Ao PPGCI, à CAPES e à UFPB, por permitirem a realização desta pesquisa;
A Deus.

*Desculpe-me, não tenho palavras. Talvez
se eu cantar, você entenda.*

Ella Fitzgerald

RESUMO

Investiga a construção da identidade negra através da produção, do acesso, da apropriação e do uso da informação musical e da étnico-racial em blogs de funk. Utiliza-se do enfoque qualitativo de pesquisa, associado à visão da pesquisa social e dos Estudos Culturais, e delimita os blogs como um campo empírico de estudos lançando mão da pesquisa netnográfica. Inicia a construção de sua base conceitual a partir de reflexões sobre o entendimento do fenômeno informação e segue para a tecitura do conceito de informação musical. Traz um histórico dos Estudos Culturais, discute sobre o entendimento de cultura e como ela opera, reflete também sobre os conceitos de cibercultura e cultura popular, em que o funk é entendido como uma expressão da cultura popular, segue investigando os blogs como fontes de informação e discute sobre os conceitos de raça, etnia e racismo, para ressaltar a necessidade de construir a identidade negra. Compreende a construção da identidade como composta por vários elementos, dando mais atenção à memória e ao pertencimento. Descreve o ambiente criado pelos blogs e faz uma interpretação com base nas falas dos sujeitos. Conclui inferindo que a informação musical e a informação étnico-racial têm grande potencial como catalizadoras na construção da identidade negra, criando um ambiente para a socialização, especialmente de jovens que têm a capacidade de promover mudanças e disseminar um sentimento de igualdade que se configura como um mecanismo na luta contra o preconceito, a discriminação e o racismo.

Palavras-chave: Informação musical. Disseminação da Informação étnico-racial. Cultura. Funk. Identidade negra.

ABSTRACT

Investigates the construction of black identity through production, access, ownership and use of musical information and information on ethnic-racial funk blogs. Uses the qualitative research approach, associated with vision of social research and cultural studies, defines blogs as empirical field studies making use of the netnography research. It begins the construction of its conceptual basis from reflections about the understanding of the phenomenon information, and to follow building the concept of musical information. Brings a history of Cultural Studies, discusses the understanding of culture and how it operates, also reflects on the concepts of cyberculture, and popular culture, where the funk is understood as an expression of popular culture. Follow investigating blogs as sources of information. Discusses the concepts of race, ethnicity and racism to highlight the need for the construction of black identity. Understood the construction of identity as composed of several elements, giving greater attention to memory and belonging. Makes a description of the environment created by blogging and an interpretation based on the participants' speech. Concludes inferring that musical information and racial-ethnic has a big potential as catalysts in the construction of black identity, creating an environment for socialization, especially young people, who have the capacity to promote change and disseminate a sense of equality that is configured as a mechanism in the fight against prejudice, discrimination and racism.

Keywords: Musical information. Dissemination of the ethnic-racial information. Cultura. Funk. Black identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 –	Construção de conceito	31
Figura 02 –	<i>Gadgets</i>	77
Figura 03 –	Nuvem de tags	80
Figura 04 –	Colaboração entre blogs	81
Figura 05 –	Informação étnico-racial	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DESENHO METODOLÓGICO	18
2.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
3	REFLEXÕES CONCEITUAIS PARA SE PENSAR A INFORMAÇÃO MUSICAL	26
3.1	(RE)SIGNIFICAÇÕES DO CONCEITO DE INFORMAÇÃO	26
3.2	O CONCEITO DE INFORMAÇÃO MUSICAL	30
4	NAVEGANDO NA WEB E APORTANDO NOS BLOGS: A PRODUÇÃO E O CONSUMO DA INFORMAÇÃO NO CIBERESPAÇO	34
4.1	OS BLOGS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO	37
4.2	IMERSÃO NA (CIBER)CULTURA: TECENDO UMA REDE CONCEITUAL	42
4.2.1	<i>O entendimento de cultura</i>	47
4.2.2	<i>Enquadramentos culturais: como opera a cultura</i>	52
4.2.3	<i>Reflexões sobre a cibercultura e a cultura popular</i>	53
4.3	O FUNK: UMA FACETA DA CULTURA POPULAR	59
4.3.1	<i>A música na cibercultura e a apropriação da informação musical</i>	62
5	A IDENTIDADE NEGRA	65
5.1	RAÇA, RACISMO E ETNIA: DEFINIÇÕES NORTEADORAS	65
5.2	A IDENTIDADE COMO UM QUEBRA-CABEÇA: JUNTANDO AS PEÇAS	67
5.2.1	<i>A memória como componente da identidade</i>	68
5.2.2	<i>A identidade como posicionamento político</i>	70
6	OS BLOGS DE FUNK: UM ESPAÇO DE IDENTIDADE	75
6.1	AS LETRAS DO FUNK: IDENTIFICANDO A INFORMAÇÃO ÉTNICO	

	RACIAL E OS POTENCIAIS DE MUDANÇAS NO FUNK	84
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	91
	APÊNDICE	98
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista	99
	ANEXOS	100
	ANEXO A – Fatos da vida	101
	ANEXO B – A cura da mente	103
	ANEXO C – Mamãe passou petróleo em mim	105

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo foi motivado pela continuidade do trabalho de conclusão do nosso curso de graduação, intitulado “A informação musical como possibilidade de construção da identidade afrodescendente na cibercultura” e defendido no ano de 2010. A escolha da temática e da delimitação do fenômeno proposto como objeto de estudo também tem relações com nossa participação como membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais (NEPIERE) e do Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas (GEINCOS) e nos estudos¹ realizados por Dayrell (2001), que nos inspirou a entender a música como criadora de um espaço social, produtor e disseminador de informações, que visa promover igualdade racial e reconstruir a autoestima da população negra.

As mudanças acarretadas pelo fenômeno da globalização configuram uma sociedade que vive uma nova era, que apresenta uma reinvenção dos valores. Nesse entremeio, a informação, cada vez mais, ganha importância e se torna o centro da Sociedade da Informação-Conhecimento-Aprendizagem, onde tudo fica a alguns cliques de distância, e o mundo pode ser decomposto em *bits* ou *bytes* (LEMOS, 2002), o que Le Coadic (2004) chama de “explosão qualitativa da informação”.

Consideramos importante justificar a adoção do termo Sociedade da Informação-Conhecimento-Aprendizagem como uma forma de nos referirmos à sociedade contemporânea, que se vê, continuamente, reconfigurada em função das diversas aplicações das diversas TIC. Contudo, salientamos tratar-se de uma escolha terminológica específica para o contexto desta pesquisa, porquanto não se trata de um termo unanimemente usado nessa área do conhecimento humano, como nos dizem Silveira (2000) e Demo (2000), ao discutir sobre as questões da sociedade da informação, e Burke (2003; 2012), ao refletir sobre as questões da antropologia do conhecimento e a sociedade do conhecimento. Portanto, a escolha pelo termo Sociedade da Informação-Conhecimento-Aprendizagem se justifica por ser um termo de grande abrangência, mesmo que ainda não consiga representar a sociedade como um todo, onde muitos ainda são excluídos desse processo.

¹ Em sua tese, intitulada “A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte”.

Com a evolução das “tecnologias intelectuais” (LÉVY, 1993), interpretadas por Castells (1999) como “tecnologias da informação e comunicação (TIC)²”, a criação e a disseminação de novos conteúdos informacionais tornaram-se um processo cada vez mais fácil e acessível. O advento da internet trouxe um dilúvio de informações (técnico-científicas, culturais, ambientais, formais e informais, entre outras), nas quais podemos nos perder facilmente. Essa “overdose” de informações origina um aumento das expressões culturais e o permanente diálogo entre as diversas culturas, o que resulta no surgimento de novas práticas culturais, visto que “não se impõe, como se temia, uma única cultura homogênea. Os novos riscos são a abundância dispersa e a concentração asfixiante” (CANCLINI, 2007, p. 27). Ainda segundo Canclini, o diálogo contínuo entre os diferentes modos de fazer e de viver resulta no fenômeno da interculturalidade, que representa a criação de novos produtos culturais advindos de aglutinações ou variações de produtos já existentes. O crescimento das “próteses tecnológicas” (conhecidas na Ciência da Informação sob o rótulo de TIC) não elimina a diversidade das relações sociais, com o conhecimento, com o dinheiro, com o corpo (CANCLINI, 2007).

A globalização pode tanto homogeneizar culturalmente quanto contribuir para a resistência e a reafirmação das *identidades já existentes*, produzindo *identidades plurais*, resultados da apropriação e da reelaboração das identidades já existentes (WANDERLEY, 2009, p. 107).

Em decorrência da globalização e dos processos de internacionalização das culturas, observamos que a informação, em seus mais variados tipos, também pode assumir diversos papéis, por ser um fenômeno de grande dinamicidade. E é nesse contexto em que voltamos o nosso olhar para um tipo específico de informação, a musical, entendida como todos os aspectos relacionados à música, tanto em seu *niche* mais técnico quanto em suas relações mais subjetivas, como o discurso das letras (SILVA JÚNIOR, 2010).

Na internet, o consumo da música é facilitado. Podemos escutá-las on-line, comprá-las, “baixá-las”, bem como recuperar letras, assistir a clipes, disponibilizar ou até mesmo compor novas músicas. O volume da informação musical é

² As TIC surgiram a partir de 1975, como uma fusão das telecomunicações analógicas com a informática, o que possibilitou, através do computador, a veiculação de mensagens em diversas formatações em que a informação circula livremente e não tende a não obedecer a hierarquias (LEMOS, 2002).

vertiginosamente crescente, uma vez que é um produto cultural presente em todas as sociedades desde o início da história do homem (WISNIK, 2009). Nesse sentido, a informação musical conecta seus consumidores na Sociedade da Informação-Conhecimento-Aprendizagem, uma vez que os indivíduos, segundo Castells (1999), tendem a se reagrupar em torno de identidades primárias - religiosas, étnicas, territoriais, nacionais e musicais. Assim, podemos apontar esse tipo específico de informação como um dispositivo facilitador do processo de construção identitária, principalmente, da identidade coletiva, porque tende a reunir indivíduos (SILVA JÚNIOR, 2010).

Seguindo esse raciocínio, entendemos a identidade como “a forma de os indivíduos se reconhecerem e de serem reconhecidos, a maneira como se veem e são vistos” (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2010³). É importante salientar que o indivíduo irá exercer simultaneamente diversas identidades, como, por exemplo, religiosa, sexual, musical, geográfica, política, culinária, entre outras.

Em meio a tantas identidades exercidas pelos (ciber)sujeitos⁴, voltamos nosso olhar para a identidade étnico-racial, especificamente a identidade negra, cuja consolidação é importante para deslocar um grupo, que é invisibilizado nas margens da sociedade e, quase sempre, excluído das políticas públicas e vítima do preconceito, da discriminação e do racismo, prejudicado de várias outras formas. É sabido que “africanos e afrodescendentes constituíram a massa trabalhadora durante todo o período da colonização brasileira [...] e os africanos vieram com conhecimentos técnicos e tecnológicos superiores aos europeus e aos dos indígenas para atividades produtivas” (CUNHA JÚNIOR, 2005, p. 249). É sabido, também, que a África é o continente mais antigo ocupado pelos seres humanos, portanto, o berço de grande parte do conhecimento, onde

as culturas das manufaturas e das artes também foram intensamente processadas pelos diversos povos africanos. No campo da filosofia, da matemática e da cultura letradas, a África precede outros continentes, realiza um significativo e inesgotável acervo. A realização de cidades, reinos, impérios e sistemas comerciais faz parte do passado africano em todas as regiões do continente. Toda essa enumeração de partes do processo civilizatório da humanidade

³ Documento eletrônico sem paginação.

⁴ Optamos por grafar o termo (ciber)sujeito usando parênteses para enfatizar que a existência física do sujeito precede a virtual. Assim, ao ocupar espaço no virtual, o sujeito está existindo, simultaneamente, nos dois mundos - o físico e o virtual.

é necessária para ilustrar a complexidade e a importância da bagagem africana trazida para o Brasil, e também levada, antes de 1500, para Portugal e Espanha (CUNHA JÚNIOR, 2005, p. 249-250).

Apesar da imensurável contribuição para a construção do Brasil, os/as negros/as ainda carregam o estigma de serem inferiorizados por padrões eurocêntricos que continuam vigorando na sociedade atual. É válido salientar que os/as cidadãos/ãs brasileiros/as que se identificam como negros/as e pardos/as compõem grande parte da população brasileira. Contudo, essa população ainda é negligenciada e a maior vítima da violência urbana, que inclui a violência policial, que constrange, humilha e dizima, principalmente, os jovens.

O contexto cultural do povo negro está muito ligado à informação musical articulada e à informação étnico-racial, que Oliveira (2010, p. 56) define como

todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico, na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana.

Comungamos com Aquino (2009)⁵, para quem a Ciência é uma “prática social que resulta da interação do sujeito com os objetos da natureza e com outros sujeitos, supondo a produção do conhecimento como um elemento de importância vital para as sociedades contemporâneas” e serve para promover a Ciência em si mesma e o bem-estar da humanidade, com a finalidade de contribuir para transformar as sociedades.

Nessa linha de compreensão da Ciência, este estudo pretende contribuir para expandir o espaço das discussões que envolvem a temática das relações étnico-raciais e da informação musical no âmbito da Ciência da Informação. Convém enfatizar que, ao abrir espaço para pesquisas que tratem das relações étnico-raciais, especificamente da população negra, estaremos incluindo os sujeitos marginalizados no que concerne ao acesso à informação, visando anular o estigma histórico, em que ainda são vistos como seres inferiores, e vivenciar a prática da responsabilidade ético-social na Ciência da Informação.

Assim, entendemos que explorar a relação entre produção, apropriação e uso de informação musical e as questões relacionadas à identidade negra faz parte

⁵ Documento eletrônico sem paginação.

do escopo teórico da Ciência da Informação, em sua configuração como ciência social (aplicada) que propõe ações inter, pluri, multi e transdisciplinares. Nessa perspectiva, a questão que norteia nosso estudo é: Como a identidade negra tem sido construída através da informação musical vivenciada por meio do funk?

A partir dessa questão, operacionalizamos o seguinte objetivo geral: analisar processos de produção, apropriação e uso da informação musical na construção da identidade negra, tendo como foco os blogs voltados para a música funk. Especificamente, pretendemos:

- a) Construir o conceito de informação musical;
- b) Relacionar o conceito de informação musical e informação étnico-racial à problemática da produção, da apropriação e do uso na construção da identidade negra;
- c) Mapear os principais blogs nacionais destinados a disseminar a informação musical funk;
- d) Identificar os produtores de informação musical e étnico-racial nos blogs de funk;
- e) Apontar a informação étnico-racial nos blogs voltados para a música funk;
- f) Verificar como o (ciber)sujeito se apropria da informação musical para construir a identidade negra.

Para alcançar esses objetivos, estruturamos o trabalho da seguinte forma: a **introdução**, onde apresentamos e justificamos a escolha pelo tema da pesquisa, a delimitação do objeto de estudo, a questão da pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos.

No capítulo 2, em que apresentamos o **desenho metodológico**, refletimos sobre o enfoque qualitativo da pesquisa, associando-o à visão da pesquisa social. Agregamos o posicionamento crítico sugerido pelos Estudos Culturais à prática da pesquisa netnográfica e refletimos sobre sua ambientação no ciberespaço, enfatizando o estudo dos blogs. Seguindo, elencamos os procedimentos metodológicos adotados para a coleta e a análise dos dados.

No capítulo 3, fazemos uma abordagem sobre os **conceitos de informação musical** e de informação, objeto de estudo da Ciência da Informação, e algumas reflexões propostas pela filosofia que nos fornecem o embasamento necessário para a tecitura do conceito de informação musical.

No quarto capítulo - **Imersão na (ciber)cultura: tecendo uma rede conceitual** - continuamos a construção de nossa base teórica, situando o estudo sob o ponto de vista proposto pelos Estudos Culturais, a respeito do qual trazemos um histórico. Seguimos discutindo sobre o entendimento da cultura, o que seria esse fenômeno e como ele opera e remetemos às noções de cibercultura e de cultura popular. Concluimos esse momento com uma reflexão sobre o funk como uma das formas de expressão da cultura popular e a relação entre a informação musical e a cibercultura.

No capítulo 5, **Navegando na web e aportando nos blogs**, fazemos a delimitação dos blogs, como uma das muitas expressões do ciberespaço, compreendendo-os como uma fonte de informação diversificada, que apresenta grandes potencialidades.

No capítulo 6, discutimos sobre **o racismo e a identidade negra**. Iniciamos tecendo algumas considerações sobre as noções de raça, racismo e étnica, partindo do pressuposto de que a necessidade de construir uma identidade negra vem como um mecanismo para desconstruirmos o racismo e os estereótipos negativos que povoam o imaginário popular acerca da população negra. Seguimos discutindo sobre a construção da identidade, considerando que ela é composta por vários elementos como a memória, os traços fenóticos, os códigos culturais e o sentimento de pertencimento. Portanto, a identidade negra é entendida como um posicionamento político.

No capítulo 7 - **Os blogs de funk: a criação de um espaço comum** – procedemos à interpretação dos dados e uma tensa descrição proposta pela netnografia para se compreender como a informação musical e a étnico-racial são manipuladas pelos (ciber)sujeitos para a construção de uma identidade negra, onde são apresentadas as falas de alguns sujeitos, objetivando dar voz aos (ciber)sujeitos e agregar valor à visão tecida pelo pesquisador.

No capítulo 8, apresentamos as **considerações finais**, em que refletimos sobre o papel e as potencialidades do acesso, da apropriação e do uso da informação musical e da informação étnico-racial para construir a identidade negra e lutar contra a marginalização dessa população em nosso país. Inferimos, com base em nossa análise, que a Ciência da Informação deve se esforçar mais em suas aplicações prático-sociais e extrapolar os espaços acadêmicos.

2 DESENHO METODOLÓGICO

Para compreender os processos de construção da identidade negra de jovens, por meio do acesso e do uso da informação musical funk, na perspectiva da pesquisa social, é necessário que tracemos um desenho metodológico, objetivando realizar uma pesquisa com a devida validade científica. “Entendemos por metodologia o caminho e o instrumental próprios de abordagem na realidade. [...] O método é o próprio processo de desenvolvimento das coisas” (MINAYO, 1996, p. 22).

Pelo caráter mutável do nosso objeto de estudo, optamos por uma abordagem qualitativa, por meio da qual podemos compreender mais profundamente o fenômeno estudado, por recobrir hoje um campo trans e interdisciplinar (ALVES; AQUINO, 2012). O enfoque qualitativo de pesquisa é visto mais como um “terreno ou uma arena para a crítica científica social do que como um tipo específico de teoria social, metodologia ou filosofia” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 194).

Os pesquisadores qualitativos têm uma grande vantagem sobre os nossos colegas quantitativos. Podemos acrescentar novas peças ao quebra-cabeça da pesquisa ou criamos quebra-cabeças inteiramente novos – *enquanto coletamos os dados* – e isso pode ocorrer até mesmos posteriormente, durante a análise (CHARMAZ, 2009, p. 31, grifo da autora).

Para Alves e Aquino (2012, p. 81), o enfoque qualitativo de pesquisa se refere a uma práxis que objetiva compreender, interpretar e explicar “um conjunto delimitado de acontecimentos que é resultante de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais”. O alicerce metodológico deste estudo mantém uma forte articulação com a pesquisa social, a qual comunga com o enfoque qualitativo. É sabido que “a contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social é geralmente definida por uma ruptura ou por oposição à pesquisa quantitativa ou estatística” (GROULX, 2008, p. 96). Na pesquisa social, segundo Minayo (1996), o observador é da mesma natureza que o seu objeto, e ele mesmo faz parte de sua observação. Ainda seguindo o pensamento dessa autora, a observação é uma das ferramentas que mais se aproxima da realidade, porquanto é “mais rica do que qualquer teoria,

qualquer pensamento que possamos ter sobre ela” (MINAYO, 1996, p. 21). Ela conclui que a pesquisa social combina a teoria com os dados (MINAYO, 1996).

Groulx (2008) nos traz uma definição objetiva da pesquisa social, afirmando que englobaria “as pesquisas voltadas para o estudo dos problemas sociais e das práticas profissionais e institucionais para resolver esses problemas” (GROULX, 2008, p. 95). Portanto, vemos a pesquisa social como sempre orientada para uma intervenção na realidade social. Na utilização da abordagem qualitativa, a pesquisa social lança sempre um olhar conjuntural sobre a problemática estudada e revela uma diversidade que é ocultada na abordagem quantitativa.

Devido a um questionamento centrado mais nos processos do que nas causas, mais nas estratégias do que nas variáveis, mais nas representações do que nas determinantes, a pesquisa qualitativa impõe um distanciamento das categorias administrativas, e, por vezes, o seu reexame (GROULX, 2008, p. 102).

É de grande valia lembrarmos sempre de que não há imparcialidade no processo de pesquisa. O pesquisador está sempre envolto na subjetividade dos pesquisados e vice-versa. Assim, “é preciso aceitar que o sujeito das ciências sociais não é neutro ou então se elimina o sujeito no processo de conhecimento. Da mesma forma, o ‘objeto’, dentro dessas ciências, é também sujeito e interage permanentemente com o investigador” (MINAYO, 1996, p. 35).

Outro fator que nos inclina em direção à pesquisa social é seu engajamento social, posto que, na produção dos seus dados, considera o “lado dos mais fracos, ou dos excluídos” (GROULX, 2008, p. 110), o que, por muitas vezes, é alvo de severas críticas. Entendemos que a pesquisa social, quando concluída, dá uma visão de dupla cultura, uma articulação entre a visão do pesquisador e a do pesquisado que, nesse caso, também poderíamos entender como o “dominado”.

Refletindo sobre a instabilidade do nosso objeto de estudo, adotamos os pontos de vista propostos pela Netnografia e pelos Estudos Culturais, objetivando criar uma visão que abarque a complexidade da problemática estudada e forneça o embasamento para a coleta e a análise dos dados. Ao associar os Estudos Culturais à Netnografia, estamos trabalhando para a tessitura de uma visão conjuntural sobre a formação da identidade negra. Nesse sentido, uma postura pluralista é imprescindível.

A melhor maneira de buscar a complexidade e produzir descrições densas e úteis dos fenômenos sociais, psicológicos e educacionais, ao mesmo tempo em que se evita o reducionismo das ciências sociais, dá-se mediante o pluralismo (KINCHELOE; BERRY, 2007, p. 10).

Ao adotar uma postura flexível em nossa metodologia, abrimos o caminho para que seja estabelecido um diálogo com a linha dos Estudos Culturais. A princípio, pensamos na pesquisa etnográfica, visto que ela não procura compreender a personalidade dos indivíduos, com seus aspectos psicológicos ou os movimentos sociais, mas como nós, em umas redes de significados e pensa nelas da mesma maneira como elas se identificam (SOUZA, 2007). Propõe, então, o reconhecimento “dos objetos/problemas das áreas das ciências sociais como portadores de tal complexidade que vai exigir a abordagem de várias vertentes teóricas” (REBS, 2011, p. 75) para fazer interpretações que deem conta da problemática estudada.

Rebs (2011) faz uma breve reflexão sobre o histórico da Etnografia e atribui sua origem à antropologia social. Rapidamente ultrapassa as fronteiras da disciplina. Ela não apresenta os padrões pré-determinados ou rígidos apropriados por outras técnicas e procedimentos, e o pesquisador se encarrega de desenvolver, em campo, as melhores formas de pesquisar o contexto social proposto pela pesquisa. Contudo, aprofundando nossos conhecimentos acerca da etnografia tradicional, observamos que dela emerge a Netnografia, também conhecida como Etnografia virtual ou Webnografia - uma nova abordagem metodológica que surge como uma adequação da etnografia tradicional à esfera da web. A Netnografia pretende “registrar a vida de um determinado grupo e, assim, implica a participação e a observação sustentadas em seu ambiente, sua comunidade ou sua esfera social” (CHARMAZ, 2009, p. 40), através de perspectiva transmetodológica (REBS, 2011). É válido salientar que a Netnografia apresenta tanto rupturas quanto continuidades com a Etnografia e não representa apenas uma transposição da etnografia para a esfera web, mas traz consigo apropriações características, assim como ressignificações constantes para compreender esse novo ambiente de estudos (REBS, 2011).

A Netnografia não objetiva interferir, no sentido de modificar o lugar/comunidade observado, porque o observador tem espaço para interferir no sentido de promover uma participação ativa para se compreender o fenômeno da mesma forma que os demais sujeitos, membros da comunidade, o têm. No momento

em que observa (coleta de dados), o pesquisador tem o objetivo de se tornar um membro da comunidade que observa, porém, isso só é possível se for aceito por ela. Assim, ele consegue observar essa realidade, interpretá-la e descrevê-la com a densidade proposta pela Netnografia. “Ao tentar viver *com e como* um determinado grupo social específico para uma pesquisa netnográfica, o pesquisador parece debater-se com situações diversas que impossibilitam a aplicação de métodos ou técnicas já pré-estruturadas” (REBS, 2011, p. 82, grifo da autora).

A prática do pesquisador No exercício do seu trabalho, a prática do pesquisador é dividida por Rebs (2011) em três momentos: no primeiro, ele é um “observador”. Esse é o momento das leituras acerca do universo a ser pesquisado e dos primeiros contatos com a comunidade; no segundo, é “interagente”. É o momento em que ele precisa compreender a realidade, que está ligada a feitura das práticas da comunidade observada pelo pesquisador; no terceiro momento, ele é o “descobridor”. É quando se afasta da comunidade para interpretar os dados coletados.

Por não ignorar o elemento subjetivo na observação e na interpretação dos dados, a Netnografia sugere a autoetnografia, que

funcionaria como uma ferramenta reflexiva que permitiria discutir os múltiplos papéis do pesquisador e de suas aproximações e subjetividades a partir do momento em que ele se coloca no grupo em análise, capaz de interferir nos resultados do objeto pesquisado. Então, autoetnografia poderia ser compreendida como sendo uma ferramenta possibilitadora de relatos em primeira pessoa (REBS, 2011, p. 84).

A prática da Netnografia, assim como toda escolha metodológica, fala muito da própria identidade do pesquisador, determinando os caminhos que ele percorre, justificando as escolhas realizadas. Assim, a Netnografia “exige a articulação entre o pesquisador reflexivo e filósofo com o pesquisador atuante no empírico” (REBS, 2011, p. 89). Portanto, a Netnografia traz “grandes contribuições para a pesquisa qualitativa, por se preocupar com a análise holística ou dialética da cultura” (REBS, 2011, p. 78), na esfera web, ou seja, as relações humanas mediadas pela Internet.

Para entendermos o que seria a esfera da web, recorremos a Schneider e a Foot (2005), que asseveram:

Nós conceituamos a esfera web não simplesmente como uma coleção de websites, mas como um conjunto de recursos digitais dinamicamente definidos, estendendo-se sobre múltiplos sites da web considerados relevantes ou relacionados a um evento central, conceito ou tema, e seguidamente conectado por hiperlinks. As fronteiras de uma esfera da web estão delimitadas por uma orientação de tema compartilhado e de uma estrutura temporal (SCHNEIDER; FOOT, 2005, p. 158).

Convém salientar que a visão da Netnografia não considera a esfera web apenas como um meio técnico, mas também como um espaço, um artifício produtor e disseminador de cultura, que afeta a vida social com uma profundidade nunca antes vista. Ao refletir sobre as críticas à Netnografia, observamos que os pesquisadores se dividem em dois grupos: os apocalípticos e os integrados, definidos pela sua visão a respeito da esfera web. O primeiro grupo vê na esfera web um universo superficial e antiarte, enquanto o segundo a considera puramente como um meio repleto de benefícios (REBS, 2011). Essas duas correntes nos levam a um “caminho do meio”, que nos posiciona, através de uma visão crítica, uma postura consonante com a proposta dos Estudos Culturais.

A contribuição de Montardo e de Passerino (2006, p. 8) nos faz entender que a Netnografia apresenta “possibilidades a exploração da comunicação multimídia, permitindo contar os dados coletados em texto, áudio e vídeo, recursos que podem enriquecer a observação dos estudos etnográficos tradicionais”. Em seu argumento, percebemos que a netnografia, aplicada especificamente aos estudos dos blogs, oferece como vantagens facilidades para a coleta de dados e o desdobramento da pesquisa com rapidez e amplitude da coleta e do armazenamento (no tempo e no espaço).

Os netnógrafos buscam construir um conhecimento detalhado da vida cotidiana e suas múltiplas dimensões no ambiente social. O grande objetivo do netnógrafo é de conseguir fazer sua observação a partir de uma perspectiva interna, vendo pelos olhos do sujeito pesquisado (CHARMAZ, 2009). Nessa abordagem, o enfoque é no fenômeno ou no processo que está sendo estudado, e não, no ambiente de pesquisa em si ou em seus procedimentos (CHARMAZ, 2009).

É importante salientar que, na Netnografia, a relação entre o pesquisador e o fenômeno pesquisado, “ao encontrar o seu objeto imediato (ou seja, aquele que está dado), o pesquisador inicia um processo ‘relacional’” (REBS, 2011, p. 76), em que ambos - pesquisador e pesquisado - atuam um sobre outro misturando suas visões

do mundo. A coleta dos dados, na Netnografia, é feita por meio de notas de campo - o diário do pesquisador – que, na prática de sua observação, toma nota do máximo de detalhes que lhe é percebido, e a eles combinam os artefatos da cultura ou comunidade, “como *download* de arquivos de postagens de *newsgroups*, transcrições de sessões de MUD ou IRC e trocas de e-mails, além de imagens, arquivos de áudio e de vídeo” (MONTARDO; PASSERINO 2006, p. 6).

A partir dessas reflexões, concluímos que a Netnografia é a abordagem mais adequada aos estudos dos blogs, segundo a nossa realidade de pesquisa, uma vez que, desde seu início, “tiveram as funções paralelas de expressar sentimentos e opiniões de seus donos pela *Internet*, além de dicas referentes à própria *Internet*” (MONTARDO; PASSERINO 2006, p. 2). Contudo, ao trabalhar no ciberespaço, o pesquisador precisa estar alerta para as “armadilhas” existentes, como o fenômeno *infogluf*⁶, a veracidade das informações coletadas e a questão da ética do netnógrafo. Nesse sentido, indagamos: Como trabalhar com a informação que é disponibilizada no ciberespaço, mas não é produzida para fins de pesquisa?

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Compreender os processos de construção da identidade de jovens negros e negras, por meio do acesso e do uso da informação musical em blogs, suscita alguns procedimentos metodológicos desta pesquisa, relacionados a seguir:

- 1) Coleta de documentos que subsidiaram a discussão teórica do estudo;
- 2) Aplicação de entrevistas semiestruturadas, com usuários do Blogger, uma ferramenta do Google por meio da qual os usuários podem criar e “alimentar” blogs sem o conhecimento de linguagens técnicas de programa. Observamos que o uso de entrevista já tem uma longa tradição na coleta de dados etnográficos. Esse instrumento de coleta pode ser entendido como “uma conversa direcionada que permite um exame detalhado de determinado tópico ou experiência e [...] representa um método útil para a investigação interpretativa” (CHARMAZ, 2009, p. 46). Esse autor afirma que o pesquisador-entrevistador adentra o campo para escutar, ouvir e estimular os pesquisados a responderem as perguntas.

⁶ Sobrecarga de informações.

3) Escolhemos o Blogger por considerá-lo uma das ferramentas de blogs mais utilizadas no Brasil, assim como as demais do Google. Por sua usabilidade, apresenta uma interface fácil de ser utilizada, principalmente quando comparada com outras ferramentas, como o WordPress e o Tumblr.

4) Optamos também, em meio aos usuários do Blogger, por aqueles que fossem donos ou colaboradores de blogs voltados para a música funk, que estivessem constantemente atualizados com novos *posts* e tivessem um número superior a 50 seguidores, nome dado aos usuários que assinam o blog.

5) Após a identificação dos respectivos donos e colaboradores que se encaixassem nesses critérios, estabelecemos o contato. Para isso e para observar os blogs, foram criados uma conta e um perfil para o pesquisador, que sempre foi identificado durante a coleta dos dados. Por razões éticas, solicitamos aos donos dos blogs que avisassem aos seus leitores que o blog estava fazendo parte de uma pesquisa e, por isso, seria observado.

6) Os donos e os colaboradores de blogs selecionados para participar da entrevista receberam um convite em que constaram o objetivo da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram realizadas via chat, no Facebook⁷, o que nos permitiu deixar os entrevistados à vontade. Acreditamos que essa seja uma forma menos invasiva de coletar os dados e que, se a entrevista for aplicada dessa maneira, poderá trazer dados não só referentes às falas dos sujeitos, mas também como eles falam, a questão do internetês⁸ e o emoticons⁹.

7) A partir da aplicação das entrevistas associadas à observação feita nos blogs, iniciamos a análise dos dados. Esse foi o momento em que o pesquisador se afastou do campo da coleta dos dados, como sugerido pela postura netnográfica, para descrever e interpretar os dados coletados com a devida densidade.

8) Foram realizadas três entrevistas. Todos os entrevistados eram do sexo masculino, com idades que variavam entre 20 e 25 anos. Ressaltamos que uma das entrevistas não apresentou informações consideradas relevantes para as questões abordadas pela pesquisa. Nosso campo empírico constituiu-se de 10 blogs, sete dos

⁷ Rede social de relacionamento virtual. Disponível em: < <http://www.facebook.com/>>.

⁸ Linguagem usada pelos internautas na web.

⁹ Forma de comunicação paralinguística usada na web.

quais apontamos como sendo os mais importantes blogs de funk no território nacional.

9) Depois de concluir a coleta dos dados, os discursos dos sujeitos e as atitudes dos (ciber)sujeitos foram interpretados, como proposto pelo Netnografia, a partir de uma “triangulação proveniente de interpretações baseadas em teorias e dados coletados anteriormente pelo pesquisador” (REBS, 2011, p. 95).

Assim, por meio da descrição realizada com base na Netnografia, acreditamos poder compreender o processo de construção da identidade negra de jovens através da informação musical no funk.

3 REFLEXÕES CONCEITUAIS PARA SE PENSAR A INFORMAÇÃO MUSICAL

A partir das possibilidades aduzidas por Oliveira (2010) em sua pesquisa, trilhamos o caminho para a criação do conceito de informação musical, objetivando identificar esse tipo específico de informação, além da informação de cunho étnico-racial, para estabelecer uma relação entre elas e a identidade negra.

Ao consultar a teoria sobre os conceitos, iniciamos um diálogo com Deleuze e Guattari (2004), conjuntamente com Dahlberg (1978). Um dos primeiros pontos que abordamos é a necessidade de um *background*, um arcabouço que possibilite a criação de novos conceitos. É importante registrar que, “num conceito, há, no mais das vezes, pedaços ou componentes vindos de outros conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 10). Olhamos, então, para o conceito de informação, com o intuito de alicerçar nosso conhecimento sobre o objeto de estudo da Ciência da Informação e, ao mesmo tempo, consultar o conhecimento produzido sobre o fenômeno como forma de subsidiar a construção de um novo conceito.

3.1 (RE)SIGNIFICAÇÕES DO CONCEITO DE INFORMAÇÃO

Concebemos a informação como o objeto de estudo da Ciência da Informação, como o próprio nome já enuncia. É um fenômeno dinâmico, de caráter mutável que, segundo Freire (2006), perpassa todas as atividades humanas e alimenta os campos do conhecimento, sempre sob a influência dos diversos códigos culturais. Tal fato dificulta uma definição unânime para tal fenômeno, tornando-o um termo “polissêmico”, “camaleônico” ou, no dizer de Le Coadic (2004), “de transparência enganosa”.

O pensamento de Pinheiro (2004) sinaliza que não há “concordância clara sobre o significado da palavra informação. Particularmente se implica no ato criativo do intelecto ou uma ‘comodity’, que pode ser incorporada a um documento, transportada e intercambiada” (PINHEIRO, 2004). Então, “se não podemos evitar o termo informação, temos que deixar claro, a todo instante, o que significa” (PINHEIRO, 2005, p. 25).

Para Zeman (1970), a concepção de informação pode ser pensada sob duas óticas diferentes: a idealista e a materialista. Essa é uma discussão pela qual passaram grandes filósofos, como Aristóteles, Descartes, Hegel, entre outros.

Compreendendo o objeto de estudo, optamos por percorrer uma trilha a partir da etimologia da palavra informação. Para esse entendimento, recorremos a Zeman (1970) e A Pinheiro (2004), que nos apresentam o termo “*informare*”, que significa “dar forma, ou aparência, pôr em forma, formar, criar, [...] representar, apresentar, criar uma idéia ou noção” (ZEMAN, 1970, p. 156). A partir desse ponto, o autor já tece um primeiro entendimento de que a informação seria vista como a classificação de alguma coisa, de símbolos e de suas ligações em uma relação; informação seria, portanto, a qualidade de algum material. Na Matemática, o termo informação é usado com frequência. Contudo, não é um conceito exclusivo dessa área, pois é possível encontrar a ocorrência em diversas outras áreas do conhecimento, principalmente, na Filosofia. A informação assume tanto um caráter quantitativo quanto qualitativo.

Ao explorar a informação como um artefato, resultado da ação humana, Pacheco (1995) afirma que a informação “tem cristalizados em sua forma o tempo e o espaço de sua confecção” (PACHECO, 1995, p. 21). Sendo assim, para um dado se tornar informação, precisa ter significado, e para isso, subordina-se ao contexto específico de sua criação, embora saibamos que a informação, vista como um artefato, pode ser recontextualizada.

Para Zeman (1970), “a informação não existe fora do tempo, fora do processo: ela aumenta, diminui, transporta-se e conserva-se no tempo”. Continuando com Zeman (1970), comungamos com a ideia de que o processo de reenergização da informação seria a transformação da informação potencial de um artefato, exemplificado por um livro, em informação atual; seria a releitura desse livro e a criação de novos significados.

É interessante notar que o modo de abordar a informação, na visão de Zeman (1970) e, igualmente, na de Pacheco (1995), está fortemente ligada à teoria matemática da informação. Os dois autores estão sempre preocupados com o processo de transmissão da informação, sempre enfatizando o papel do emissor/fonte e do receptor/destinatário. O processo de recepção/assimilação da informação é parte importante no trabalho Zeman (1970) que, ao explorar os fluxos da informação, chama a atenção para a redundância da informação, que pode minimizar o processo de assimilação, e o receptor não dedica muita atenção à decodificação da informação que considera redundante.

O conhecimento consiste na percepção, ou seja, a quantidade de informação que conseguimos reter. Essa informação pode ser adicionada de três formas diferentes, através da informação real, aquela plenamente percebida por meio da informação que é debilmente percebida e pela informação inconsciente (ZEMAN, 1970).

Da informação ao conhecimento, podemos afirmar que existem vários tipos de atividades envolvidas: aquisição; processamento material ou físico; processamento intelectual; transmissão; utilização e assimilação, e todos os processos, fontes e estados interagem constantemente e são interdependentes (PINHEIRO, 2004).

Para suplementar nosso entendimento sobre esse fenômeno, recorremos a Le Coadic, que nos aduz a informação de forma resumida e prática. Para ele, a informação “é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual em um suporte” (LE COADIC, 2004 p. 4). Nesse conceito, Le Coadic levanta uma questão muito importante - o suporte físico como uma condição para a existência da informação, e para Frohmann (2008), o caráter material da informação. Parceiro dessa discussão, Saracevic (1996) vai além, ao associar a informação diretamente a sua relevância. Para esse autor, a informação está intrinsecamente ligada à necessidade que os usuários têm de receber a informação de que precisam em tempo hábil, mostrando a importância da precisão no processo de recuperação da informação. Se a informação não é relevante ou se apresenta alto grau de redundância, não é uma informação pertinente.

Pinheiro (2005) assevera que a Ciência da Informação lança um olhar conjuntural sobre o fenômeno que irá abranger sua base conceitual desde o dado, passando pela informação, até chegar ao seu estado mais refinado, que é o conhecimento. É indispensável fazer a distinção entre dado, informação e conhecimento, pois a literatura traz “alguns estudiosos que se filiam em diferentes tendências, propõem a junção dos termos e os aceitam como sinônimos” (AQUINO, 2008, p. 80).

Ao discutir sobre os conceitos de informação e conhecimento, Aquino (2008) faz uma reflexão sobre os escritos de Morin (2000) e

recusa a simples conexão desses termos por entendê-los como níveis de realidade completamente diferentes e, justificando seu

posicionamento, diz que o conhecimento é organizador e supõe uma relação de abertura e de fecho entre o cognoscente e o conhecido, enquanto a informação forma unidades rigorosamente designáveis que se transformam em “bits” (AQUINO, 2008, p. 80).

Para entendermos bem mais a conexão entre dado, informação e conhecimento, passaremos a pensá-los através de uma relação de hierarquia: o dado é a “matéria a partir da qual se pode estruturar informação” (PINHEIRO, 2004¹⁰). Então, ao contrário da informação, o dado é algo que não terá significado para todos. Ele tanto poderá assumir o caráter de informação e mudar de status, quanto permanecer sem significado claro para o interpretante. O conhecimento é visto como o produto da informação. A criação de novos conhecimentos só será possível se absorvermos novas informações ou reprocessarmos as informações que já temos. A informação é algo externo, que pode ser recebida/transferida. Já o conhecimento não pode ser recebido/transferido, é criado internamente.

Pinheiro (2004) afirma que “a passagem de informação para conhecimento corresponde à informação compreendida e assimilada, havendo necessidade de comunicação da Ciência da Informação ao estudar os atributos do saber nessa passagem de conhecimento para saber.” Também é válido ressaltar que a informação e o conhecimento são objetos de estudo de diferentes ciências.

A informação, como objeto de estudo, está sempre envolta por um complexo processo de significação, sujeito a externalidades e a internalidades que interferem em sua interpretação e, conseqüentemente, em sua apropriação e uso. A pesquisadora Aquino (2007) discute sobre a relação entre a informação e o conhecimento, na sociedade contemporânea. Ela entende que esses fenômenos “apontam significativas transformações economias, (geo)políticas, sociais, culturais e institucionais” (AQUINO, 2007, p. 9), na chamada Sociedade da Informação-Conhecimento-Aprendizagem. E nesse contexto, segundo a autora, a informação adquiriu o *status* de mercadoria e é preciso salientar a sua dimensão social posto que ela pode se tornar um dispositivo que age para reduzir a exclusão social, a discriminação, o preconceito, o racismo, a xenofobia e a homofobia (AQUINO, 2007).

A informação é, portanto, um elemento desenvolvidor da consciência crítica, uma forma de fazer o indivíduo “despertar” para uma realidade que o rodeia. Ela

¹⁰ Documento eletrônico, sem paginação.

pode contribuir para a emancipação do homem (AQUINO, 2007) que, nem sempre, dá conta de que a informação é uma forma de empoderamento.

Pela dinamicidade que esse fenômeno pode assumir, observamos que há uma extensão na classificação, no que diz respeito à tipologia da informação. No presente estudo, objetivamos trabalhar, especificamente, com dois tipos: a informação musical e a informação étnico-racial. Pretendemos observar como elas são disseminadas e apropriadas no ciberespaço e possibilitam a construção de várias identidades.

A partir dessa reflexão, podemos sintetizar, de forma genérica, a informação como a materialização de fenômenos de representação, ou seja, uma representação em um suporte físico, que, na maioria das vezes, é resultado da ação humana e, necessariamente, passível de (re)significação humana.

3.2 O CONCEITO DE INFORMAÇÃO MUSICAL

Começamos nossa incursão caminhando pela Filosofia, entendida aqui como “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 10). Deleuze e Guattari (2004) afirmam que a criação de conceitos é exclusividade da Filosofia, contudo, isso não confere nenhuma proeminência à área, visto que há “outras maneiras de pensar e de criar, outros modos de ideação que não têm de passar por conceitos, como o pensamento científico” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 17). Com base nessa visão, acreditamos estar situados numa intersecção entre a Filosofia e o pensamento científico, uma vez que um conceito é uma enunciação filosófica que vai de encontro aos modos contemporâneos de se pensar e fazer ciência, mesmo sabendo que “todo conceito tem, portanto, um espaço de fases, ainda que seja de uma maneira diferente daquela da ciência” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 38).

Ao tentar responder à pergunta “O que é um conceito?”, a primeira afirmação de Deleuze e de Guattari (2004) é de que não há conceito simples. Eles complementam asseverando que os conceitos não são dados pela natureza, mas criados pelo homem. Eles são formados por vários componentes, ou enunciados (DAHLBERG, 1978), e têm, pelo menos, dois ou três significados diferentes. O grau de polissemia varia de acordo com cada conceito e “é um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 27).

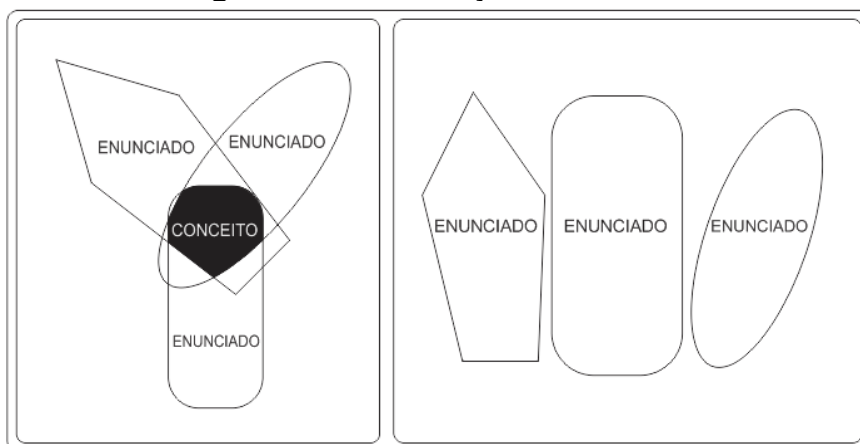
Essa ideia também é trabalhada por Lévy (2000), quando fala em “universal sem totalidade”. Trataremos desse aspecto ao refletir sobre o entendimento de cibercultura no próximo capítulo.

Os conceitos são orientados em sua criação por um fenômeno específico, por um problema. Quando criados, eles são acomodados uns aos outros, sobrepondo-se. Cada componente, quando recontextualizado, tem o potencial de se configurar como um conceito em si próprio.

As relações no conceito não são nem de compreensão nem de extensão, mas somente de ordenação, e os componentes do conceito não são nem constantes nem variáveis, mas puras e simples variações ordenadas segundo sua vizinhança. [...] Um conceito é uma heterogênesse, isto é, uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 32).

Concordamos com Dahlberg (1978), ao referir que a criação de um conceito consiste em uma ordenação de enunciados verdadeiros ou, até mesmo, uma hierarquização dos enunciados, que é articulada segundo as regras da lógica formal e orientada para um problema específico. Essa relação criada entre os enunciados irá definir a consistência endo-consistência e exo-consistência do conceito. É importante salientar que, quando os enunciados são postos lado a lado, não apresentam um encaixe perfeito, porque eles são irregulares, conforme mostra a Figura 01.

Figura 01 – Construção de conceito



Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Ainda percorrendo o raciocínio desenvolvido por Dahlberg (1978), entendemos que os conceitos são “obtidos pelo método analítico – sintético. Cada enunciado apresenta (no verdadeiro sentido de predicação) um atributo predicável do objeto que, no nível de conceito, se chama característica” (DAHLBERG, 1978, p. 102). Pensamos os conceitos em duas categorias macro: os conceitos individuais, aqueles que estão situados, geográfica e/ou temporalmente, e os conceitos gerais, que se encontram fora do tempo e do espaço (DAHLBERG, 1978).

Com base nessas proposições concordamos com a autora ao afirmar que “a intensão do conceito é a soma total das suas características [por meio dos enunciados]. É também a soma total dos respectivos conceitos genéricos e das diferenças específicas ou características especificadoras” (DAHLBERG, 1978, p. 105).

Antes de trazer os enunciados para elaborar o conceito de informação musical, ressaltamos que a criação de um conceito por meio de uma linguagem é uma forma de representação, e sabemos que toda atividade de representação, interpretação, categorização é essencialmente arbitrária (OLIVEIRA, 2010).

Embasados em nossa reflexão sobre o conceito de informação e considerando os enunciados de Oliveira (2010), trazemos os enunciados que compõem o conceito de informação musical, a saber:

- a) Informação musical é um tipo de informação;
- b) Faz referências à produção de música (em seus aspectos objetivos e/ou subjetivos);
- c) Sua existência é subordinada à condição da materialidade;
- d) Apresenta-se em vasta tipologia de suportes físicos;
- e) É sujeita a significações diversas;
- f) Tem potencial para produzir conhecimentos;
- g) Produz e/ou estimula emoções;
- h) Tem função de divertir, comunicar, representar simbolicamente, impor conformidades sociais e validar rituais;
- i) Relaciona-se com *nichos* culturais específicos;
- j) Pode subsidiar construções identitárias.

Ao fazer a junção desses enunciados, afirmamos que a **informação musical é um fenômeno subordinando à condição da materialidade e da significação, que faz referências à produção musical. Pode-se apresentar em**

vários tipos de suportes de informação, tem potencial de produzir conhecimentos, assim como de produzir e/ou estimular emoções, e seu objetivo é de divertir, comunicar, representar simbolicamente, impor conformidades sociais ou validar rituais, relacionando-se com *nichos* culturais específicos e pode possibilitar a construção identitária.

Depois de criar o conceito de informação musical, podemos identificar esse tipo específico de informação, juntamente com a informação étnico-racial apresentada por Oliveira (2010) (citada na introdução), visando compreender como essas informações são produzidas, apropriadas e usadas em blogs, produzindo a identidade negra.

4 NAVEGANDO NA WEB E APORTANDO NOS BLOGS: A PRODUÇÃO E O CONSUMO DA INFORMAÇÃO NO CIBERESPAÇO

Na sociedade contemporânea, a Internet ocupa um lugar central no processo de criação, comunicação e consumo da informação e se configura como “um repositório de bilhões de páginas de informações escritas nas mais diversas línguas e provenientes de todas as partes do mundo” (BOSSLER; CALDEIRA; VENTURELLI, 2011, p. 99). Traz como consequência uma hipermobilidade¹¹ e a neutralização da noção de lugar e de distância (STASSUM; ASSMANN, 2012).

Com o advento da Web 2.0, passamos a vivenciar um espaço cada vez mais democrático, embora ainda não seja igualitário. Há uma quebra na hierarquia da produção da informação, pois, para criar conteúdos informacionais, não é mais exigido um conhecimento técnico específico. Isso é evidente com o fenômeno da popularização de ferramentas como os blogs, principalmente se comparado com a criação e a “alimentação” de sites. Bossler, Caldeira e Venturelli (2011) sistematizam algumas diferenças entre os sites e os blogs em um quadro, que ilustra bem essa situação.

Quadro 1: Características distintivas entre *sites* e *blogs*

Aspecto	Site	Blog
Percurso de navegação	A navegação parte de uma <i>home page</i> , que funciona como um ponto inicial para outras páginas. Frequentemente é preciso retornar à <i>home page</i> para que outras páginas possam ser visualizadas	Os conteúdos ficam armazenados como postagens cronológicas e aparece em primeiro lugar sempre a mais recente, seguida das demais.
Comunicação com internauta;	via <i>mail</i> ou formulários.	Via comentários
Conhecimentos prévios de informática necessários;	Indispensável o conhecimento básico de programação;	Dispensável o conhecimento básico de programação;
Custos;	Pago.	Tendencialmente gratuito;
Periodicidade de atualização;	Normalmente intervalos maiores;	Frequentemente, até mesmo diários;
Autor/administrador	Raramente o autor é responsável por colocar as postagens no ar, realizar atualizações e ajustes. Há	O autor (ou autores) podem acumular as funções de criação e alimentação do <i>blog</i> .

¹¹ O termo hipermobilidade é designado para se referir aos novos perfis dos cidadãos globais, sua circulação fluida, sem custo ou fronteiras (STASSUM; ASSMANN, 2012).

Disponibilização de pacotes informacionais	<p>um autor por trás dos conteúdos redigidos, e um administrador, que cria e alimenta o <i>site</i>. É possível disponibilizar vídeos, fotografias, arquivos, <i>slides</i>. Alguns gerenciadores de <i>blogs</i> restringem os pacotes informacionais que poderão ser disponibilizados apenas a certas modalidades.</p>
--	--

Fonte: Bossler, Caldeira e Venturelli (2011, p. 100).

Para Santos e Cypriano (2011), a Web 2.0 representa mais uma mudança de atitude do que tecnológica, pois não há inovações significativas que diferenciam o momento da Web 1.0 para a Web 2.0. “Contudo, tarefas como criar um blog ou publicar um vídeo feito em casa tornaram-se de uma impressionante simplicidade: nenhuma competência particular é exigida para executá-las” (SANTOS; CYPRIANO, 2011, p. 10). Ainda segundo esses autores, a Web 2.0 é uma plataforma, um “ambiente computacional cuja infraestrutura tecnológica é capaz de assegurar a facilidade de integração dos diversos elementos que compõem essa infraestrutura” (SANTOS; CYPRIANO, 2011, p. 10).

Observamos que, com a horizontalidade trazida pela Web 2.0, é fácil criar laços, seja entre sujeitos e sujeitos, sujeitos e dados ou dados e dados. A tônica agora são as atitudes de cooperação ou colaboração, um modelo identificado como “arquitetura de participação” (SANTOS; CYPRIANO, 2011). Contudo, é importante refletirmos sobre a força desses laços, os laços criados entre (ciber)sujeitos online, na maioria dos casos, não são necessariamente fortes, porque podem ser desfeitos na mesma velocidade em que foram estabelecidos. Gladwell (2010), em seu ensaio, “A revolução não será tuitada”, ilustra bem essa situação afirmando que

o ativismo, associado às redes sociais, nada tem em comum com isso. As plataformas dessas redes são construídas em torno de vínculos fracos. O Twitter é uma forma de seguir (ou ser seguido por) pessoas que talvez nunca tenha encontrado cara a cara. O Facebook é uma ferramenta para administrar o seu elenco de conhecidos, para manter contato com pessoas das quais de outra forma você teria poucas notícias. É por isso que se pode ter mil “amigos” no Facebook, coisa impossível na vida real (GLADWELL, 2010¹²).

¹² Documento eletrônico, sem paginação.

Essa afirmação nos leva a inferir que é possível estabelecer laços fortes entre os (ciber)sujeitos, contudo essa é apenas uma potencialidade no ciberespaço, e sabe-se que quase todos esses vínculos são fracos.

Vemos, então, que um número cada vez maior de usuários tem condições de criar conteúdos e liberdade para escolher qualquer tipo de conteúdo para tecer o seu ponto de vista. Contudo, para criar informações na web, o usuário precisa conhecer os pares e ser conhecido por eles. O (ciber)sujeito deve saber como se relacionar com os demais e saber quais são os tipos de informação que cada *nicho* cultural vai procurar. “Ou seja, o reconhecimento individual pelo coletivo condiciona posições mais ou menos privilegiadas de ação” (SANTOS; CYPRIANO, 2011, p. 13).

O mesmo usuário que cria a informação não tem o controle sobre quais discussões irá gerar ou como acontecerá a apropriação das informações postadas.

Os processos colaborativos postos em operação pelas redes sociais que eles constroem, são refratários a uma subjetividade constituinte. Mesmo nos blogs, onde a agenda de temas é formulada de maneira preponderante pelo(s) autore(s), as postagens dos participantes desconstroem e reconstroem a pauta proposta, à medida que se sucedem (SANTOS; CYPRIANO, 2011, p. 17).

Podemos pensar no ambiente web - o ciberespaço - como uma cidade global. Essa noção, somada aos modos de relações do sujeito com a internet, possibilita que se pense esse espaço como um lugar concreto para a extensão das relações e, principalmente, para a formação de grupos e redes no espaço virtual, criando modelos que têm o potencial para influenciar cada vez mais as pessoas (STASSUM; ASSMANN, 2012).

Nesse ambiente de circulação da informação,

tem-se percebido que redes sociais como o *Facebook*, *Orkut*, *Youtube*, *Wordpress*, *Flickr*, *Foursquare*, *Twitter*, *Goegle Latitute* têm alimentado uma verdadeira espetaculização da intimidade, agora readaptada, onde pessoas mostram imagens de seus corpos, seus pensamentos como expressão de suas individualidades, seu cotidiano remoto através de mensagens de 140 caracteres respondendo o que estão fazendo e principalmente registrando de onde estão falando, qual sua localização atual, sua circulação habitual e seu roteiro de viagens (STASSUM; ASSMANN, 2012. p. 154).

Entendemos todas essas formas de produzir informações como uma maneira de se investir no capital cultural¹³, de alcançar o reconhecimento dos pares nessa sociedade [da hipermobilidade] da informação. É importante salientar que todo esse volume de informação é produzido porque é prontamente consumido através de um (re)conhecimento dos membros de uma comunidade comum (STASSUM; ASSMANN, 2012).

Nessas novas formas de comunicação e sociabilidade, os (ciber)sujeitos legitimam suas formas de ser e estar no mundo através da exposição de suas identidades (individuais ou coletivas), fazendo do próprio “eu” um show (STASSUM; ASSMANN, 2012). É nessa relação entre a criação, a disseminação e a apropriação da informação que focamos nossa atenção, especificamente no ambiente dos blogs, uma vez que não é possível abarcar toda a complexidade da web.

4.1 OS BLOGS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO

O termo blog é originário da expressão *weblog*, surgida no ano de 1997 e que, em uma adaptação para o português, poderia significar algo como registro cotidiano de atividade (ARAÚJO, 2006). Alicerçando sua base teórica com base em trabalhos de pesquisadores do campo da comunicação, Araújo (2006) enumera quatro definições mais usadas para blogs, a saber: 1) coleção de links com comentários; 2) diário online; 3) *home page* pessoal na internet; e 4) página na internet com texto ou arquivos dispostos em ordem cronológica.

Para Amaral, Recuero e Montardo (2009), os diferentes conceitos de blog podem ser classificados em três tipos: a **visão estrutural**, em que os blogs seriam definidos como uma ferramenta de publicação com formato muito particular; a **visão funcional**, que considera os blogs como uma mídia, diferente das demais em seu caráter social, pois vai além de uma simples ferramenta de publicação, já que é um meio de comunicação, que publica informações para uma audiência; e uma terceira visão, que apregoa o entendimento dos blogs como **artefatos culturais**, ou seja, um repositório de significados compartilhados por uma comunidade (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

¹³ Entendemos aqui capital cultura segundo a visão de Bourdieu discutida por Ortiz (1983), como a utilização da cultura como uma moeda de troca em uma sociedade dividida em classes.

Como artefatos culturais, eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações. Além disso, perceber os blogs como artefatos indica também a sua percepção como *virtual settlement* [ciber-lugar], uma vez que são eles o repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traçados culturais (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 32).

Os blogs são “verdadeiros sistemas de micro-conteúdo, postados por um grupo de pessoas e que são atualizados sistematicamente” (MONTARDO; PASSERINO 2006, p. 2). Também podem ser vistos como fontes de informação, uma vez que disponibilizam textos, vídeos, fotos, músicas, entre outros. É válido salientar que os blogs são ferramentas da web que vêm se tornando cada vez mais acessíveis. Segundo Montardo e Passerino (2006), o número de blogs existentes dobra a cada seis meses e meio. Portanto, hoje existem blogs sobre os mais variados assuntos. Complementando esse pensamento, Santos e Cypriano (2011) afirmam que os blogs são uma “espécie de desagregadores que distribuem a interação entre as pessoas que estão espalhadas no espaço e não necessariamente se encontram congregadas no mesmo momento” (SANTOS; CYPRIANO, 2011, p. 14). Entendemos, a partir dessa afirmação, que devemos ter cuidado ao trabalhar com os blogs, pois, por mais que eles reúnam (ciber)sujeitos em torno de informações específicas, podem configurar-se, ao mesmo tempo, como lugar e não lugar.

Olhando um pouco para o histórico dos blogs, vemos que, em seu primeiro momento, eles não diferiam muito dos sites comuns da web, fato que ainda hoje dificulta sua definição (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009). O propulsor da popularização dos blogs foi o surgimento das ferramentas de publicação, iniciando pela *Pitas*, em 1999, que foi o primeiro dispositivo de manutenção de sites via web, seguida, no mesmo ano, pela *Pyra*, que lançou o Blogger. Essa ferramenta de publicação facilitou a publicação e a manutenção dos sites e dispensa o conhecimento da linguagem HTML para a criação dos blogs. Outro fator que favoreceu a popularização dos blogs foi a agregação da ferramenta de comentários, além da compra do Blogger pelo Google, em 2004, visto por alguns pesquisadores como a consagração dos blogs na época (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

Ao observar a blogosfera¹⁴, verificamos que, atualmente, os blogs extrapolam a função de simples diários online. Eles não são mais usados apenas com fins de entreter, já que informam e educam. Embora as informações disseminadas por vários setores ainda não possam ser consideradas científicas, constatamos que existem blogs alimentados por grandes empresas, bibliotecas, professores e pesquisadores.

Estamos vivendo em uma era onde as pessoas estão cada vez mais interligadas e conectadas ao mundo tecnológico, passando a usufruir de todas as novidades que estão sendo criadas e disponibilizadas na rede, onde buscam interagir, opinar, participar, divulgar seja uma marca ou um trabalho. Diante disso, um novo meio de divulgação na internet vem sendo utilizado por muitos: os blogs o qual se trata de uma ferramenta onde as informações são disponibilizadas e podem ser acessada de qualquer local de maneira simples, sem deixar de mencionar o quanto é fácil de criar essa ferramenta de divulgação e que cada vez vem se formando e crescendo uma rede de blogueiros desenvolvendo assim uma cadeia de blogs interligados que podemos chamar de blogosfera (OLIVEIRA; SANTOS, 2011).

De acordo com Montardo e Passerino (2006), o conteúdo dos blogs pode ser compreendido na perspectiva de explicitação dos próprios dilemas e reajustes dos processos. “Assm, o uso de *blogs* pode ser eficaz na *tomada de consciência* desses dilemas e na busca concreta de soluções, seja, pelo compartilhamento, seja pela autorreflexão daí decorrente” (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p. 3). Portanto, o blog seria, sob o ponto de vista midiático, a personalização do seu autor, que fortalece a expressão do indivíduo em público. A expressão da individualidade é tomada como uma qualidade da apropriação, logo, os “blogs são formas de publicação diferenciadas porque tornam uma forma de apropriação do ciberespaço como modo de expressar a identidade de seus autores” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 34).

A liberdade de expressão e a expressão da individualidade também podem apresentar aspectos negativos, como o conflito entre os blogueiros e a audiência, uma vez que o autor do blog assume uma posição de visibilidade, que também pode ser de vulnerabilidade. Nessas comunidades virtuais, ocorrem novos fenômenos

¹⁴ Termo que compreende o conjunto de todos os blogs, ou weblogs, como uma rede social.

como os *trolls*¹⁵, os *cyberstaklers*¹⁶ e os *haters*¹⁷, em práticas de xingamento e de *flaming*¹⁸, com o objetivo de legitimar sua participação nos debates online (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009). Os blogs também propagam outro fenômeno, os memes, que é uma substituição do popular boca a boca pelo blog a blog (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009), que constitui uma rede invisível de informação com repercussão imediata e mundial, que está em permanente atualização.

Em relação ao acesso, os blogs dividem-se em três tipos: 1) de acesso público, porque qualquer pessoa com acesso à internet pode visitá-los; 2) de acesso restrito a um grupo específico, em que apenas pessoas que recebem um convite podem visitá-los; 3) e de acesso restrito ao (s) seu (s) criador (es). Para postar comentários nos blogs, a divisão é a mesma da referida antes, e os donos dos blogs têm o poder de exercer moderação sobre todos os comentários.

Podemos conceber os blogs como fontes de informação. Nesse sentido, Tomael *et. al.*(2001) afirmam que um dos principais aspectos a serem observados nas fontes de informações é a acessibilidade do usuário na busca e na recuperação das informações, visando, como sugere Figueiredo (1999), atender aos indivíduos com necessidades informacionais únicas e com características educacionais, psicológicas e sociais também únicas.

Ao refletir sobre as considerações de Tomael *et. al.* (2001) e Figueiredo (1999), verificamos que os blogs atendem aos critérios citados e tanto podem ser uma ferramenta da web, cuja acessibilidade é facilitada por estarem online durante 24 horas, quanto acessados de qualquer lugar do mundo através da internet. Os blogs também atendem ao critério de organização da informação, porque seus *posts* ficam disponibilizados, em ordem cronológica decrescente, e seus donos ainda podem criar índices, a partir de palavras-chave inseridas nos posts, e/ou criar nuvens de tags¹⁹.

¹⁵ (Ciber)sujeito que causa distúrbios às relações sociais (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009)., persona responsável por criar polêmicas, com maior ênfase no ambiente web.

¹⁶ (Ciber)sujeito que usa as ferramentas da web para perseguir ou ameaçar outras pessoas.

¹⁷ “Odiadores” são (ciber)sujeitos que se dedicam a atacar outros (ciber)sujeitos e personalidades famosas na web.

¹⁸ Mensagens hostis e insultos.

¹⁹ Representação visual das palavras-chave criadas pelos usuários.

Na blogosfera, existem blogs sobre os mais variados assuntos e que podem tratar de temas diversos ou se deter em outros específicos. Por exemplo, encontramos blogs sobre cultura pop, música, gêneros musicais específicos, moda, culinária etc. Aqui, lembramos as leis de Ranganathan, especificamente a segunda e a terceira, que dizem: todo leitor, o seu livro, e todo livro, o seu leitor (FIGUEIREDO, 1992). Moldando essas leis para a nossa realidade, podemos lê-las da seguinte forma: Todo blog, o seu leitor, e todo leitor, o seu blog. Os blogs são fontes de informação que podem atingir um alto grau de especificidade e satisfazer às necessidades de informação dos mais diversos usuários/(ciber)sujeitos.

Para entender bem mais a produção da informação nos blogs, traçamos um paralelo com o pensamento de Ortiz (1983), que reflete sobre os escritos de Bourdieu, que refere:

O jovem que se inicia no campo científico, e que volta fervorosamente para os estudos, não está simplesmente produzindo conhecimento, mas sobretudo investindo num capital cultural, que irá posteriormente assegurar-lhe uma posição dominante no campo dos pesquisadores científicos (ORTIZ, 1983, p. 22).

Então, da mesma forma que fizemos com as leis de Ranganathan, recontextualizamos o pensamento sobre o capital cultural. Dessa maneira, vemos um(a) blogueiro(a) como um indivíduo que se insere em um contexto específico, que investe em um capital cultural, para ser reconhecido/a e/ou aceito/a por uma comunidade específica.

Com essas reflexões, inferimos que os blogs, tanto do ponto de vista estrutural, quanto funcional ou como um artefato cultural, constituem-se, hoje, como um meio de comunicação, um espaço de interação social, formador de uma rede social que possibilita a troca dos mais diversos tipos de informação. Dessa forma, os blogs operacionalizam-se como dispositivos que fortalecem a construção de identidades, seja essa ou não a intenção do blogueiro. É possível identificar informações que podem ser lidas como de cunho político, que impele o (ciber)sujeito a fazer um posicionamento. E é nesse espaço onde a informação étnico-racial e a musical são possíveis nesse tipo de apropriação.

4.2 IMERSÃO NA (CIBER)CULTURA: TECENDO UMA REDE CONCEITUAL

Antes de imergir na rede teórica de sustentação das discussões do objeto deste estudo, achamos necessário fazer uma escolha. Entre as muitas perspectivas teóricas existentes, a mais adequada para nossa realidade para se compreender a cultura e a relação com a cibercultura. Assim, optamos pelos Estudos Culturais, cuja origem está na Inglaterra, especificamente na cidade de Birmingham. Contemporâneos da Ciência da Informação, os Estudos Culturais surgiram na década de 1950, de forma organizada, através do Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS), ligado ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham (ESCOSTEGUY, 1999).

Os Estudos Culturais não se restringem, todavia, à Inglaterra, porque, ao serem constituídos, passam por um processo de internacionalização e são conhecidos hoje em quase todo o mundo, sobretudo em alguns países da América Latina, embora ainda sejam poucos os/as pesquisadores/as que adotam essa corrente no Brasil. Essa perspectiva pode ser entendida também como um movimento ou rede cujo princípio norteador é a crítica.

Salientamos que a crítica não é empregada negativamente, mas como um “conjunto de procedimentos pelos quais outras tradições são abordadas tanto pelo que elas podem contribuir quanto pelo que elas podem inibir” (JOHNSON, 1999, p. 10). Seria uma forma de nos apropriarmos dos elementos mais úteis e rejeitar o resto, sempre com um tom politizado e estabelecendo uma conexão entre o trabalho intelectual e o trabalho político. Um exemplo disso é a participação na Campanha para o Desarmamento Nuclear, o movimento das mulheres e as lutas contra o racismo. “Sob o ponto de vista político, os Estudos Culturais podem ser vistos como sinônimos de ‘correção política’, podendo ser identificados como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento” (ESCOSTEGUY, 1999, p. 137). Em sua origem, os Estudos Culturais não nascem como um movimento acadêmico, mas vêm das ruas e dos movimentos sociais ingleses para dentro da Academia.

Os principais focos dos Estudos Culturais são “a relação entre a cultura contemporânea e a sociedade, [...] suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais” (ESCOSTEGUY, 1999, p. 138-139), com uma predileção pelo enfoque qualitativo de

pesquisa, pelos estudos etnográficos e pelas análises da mídia de massa, com destaque para as práticas de resistência no âmbito das subculturas (ESCOTEGUY, 1999). Os Estudos Culturais abordam a cultura popular não apenas como um meio de submissão ou alienação, mas também como um espaço de práticas compartilhadas e construídas dialeticamente, em que a cultura é entendida como um fenômeno que tanto pode separar quanto unir os indivíduos, considerando-se sempre a diversidade (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Em seu primeiro momento, os Estudos Culturais são balizados por três obras e autores fundamentais: *The uses of literacy* (1957), de Richard Hoggart, *Culture and society* (1958), de Raymond Williams, e *The making of the english working-class* (1963), escrito por E. P. Thompson (ESCOSTEGUY, 1999; 2010). Em um primeiro momento, os Estudos Culturais mantêm um diálogo mais forte, quase exclusivo, com a área dos estudos da literatura inglesa e, só depois, expande esse diálogo com outras áreas, como a Sociologia e a História, entre outros.

Os Estudos Culturais propõem que tudo pode ser compreendido do ponto de vista da cultura, que não seria uma classe “fechada”, um fenômeno estanque. Nesse sentido evitam-se explicações puramente economicistas para se refletir sobre as questões relativas ao racismo, uma vez que se entende que a reflexão cultural lança um olhar conjuntural sobre a problemática.

Ele [os Estudos Culturais] tem como referência, em particular, o esforço para retirar o estudo da cultura do domínio pouco igualitário e democrático das formas de julgamento e avaliação que, plantadas no terreno da “alta” cultura, lançam um olhar de condescendência para a não-cultura das massas (JOHNSON, 1999, p. 20).

A ruptura do paradigma de que a cultura seria apenas o mais belo produzido por uma sociedade é apontada como uma das características mais marcantes dos Estudos Culturais. Entende-se que a cultura passa a ser um conjunto de práticas que permeiam toda a sociedade e que são produzidas por relações de poder. As reflexões sobre ideologia e hegemonia também desempenham papel de suma importância nos Estudos Culturais, em que se identifica uma tendência ao questionamento de hierarquias entre as práticas culturais, que são “estabelecidas a partir de oposições como cultura ‘alta’ ou ‘superior’ e ‘baixa’ ou ‘inferior’” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 19), assim como escritores/as, compositores/as, pintores/as, escultores/as renomados/as. O/a operário/a também produz cultura e

passamos a vê-la de um ponto de vista horizontal. Observamos também como característica dessa corrente a interdisciplinaridade como uma prática sempre presente ou até mesmo a antidisciplinaridade.

Escosteguy (2010), refletindo sobre a evolução dos Estudos Culturais, elege os eixos mais trabalhados atualmente:

Esses eixos teóricos são: as relações entre cultura e ideologia; a opção pela análise da cultura popular; e a construção de identidades culturais contemporâneas mediadas, intensamente, pelos meios de comunicação. Como eixos-nodais, permitem que outras questões a eles relacionadas sejam também abordadas. Entre elas: o conceito de hegemonia, o papel do intelectual na esfera da cultura e a problemática da recepção (ESCOSTEGUY, 2010, p. 20).

Salientamos que as pesquisas em que se adota a postura sugerida pelos Estudos Culturais estão sempre ligadas a um contexto bastante específico, temporal, econômico, social, geográfico, por isso é exigida uma posição de cautela na “transposição” ou (in) apropriação dessa visão na realidade de uma pesquisa, que é sempre singular.

O trabalho, na área dos estudos culturais, aceita sua parcialidade [...] é abertamente incompleto e partidário em sua insistência quanto às dimensões políticas do conhecimento. [...] defenderíamos que o projeto dos Estudos Culturais está sempre marcado, em algum nível, por um discurso de envolvimento social (DENZIN; LINCOLN, 2006).

A partir dessas reflexões, podemos caminhar para um conceito de Estudos Culturais, porquanto Escosteguy (2010) a vê como uma área que se dedica a compreender os aspectos culturais da sociedade, por meio de várias disciplinas que interagem conjuntamente e em que os processos culturais são interdependentes uns dos outros, e não, fenômenos isolados. O interesse central dos Estudos Culturais é de “perceber as intersecções entre as estruturas sociais e as formas culturais” (ESCOSTEGUY, 2010, p 49).

Mesmo sabendo que os Estudos Culturais não se resumem à questão da cultura popular, essa temática se configura como um eixo central em seu projeto. Podemos observar um crescente movimento de estudos que dedicam sua atenção aos Estudos Culturais de música popular, por se entender “que a música também deverá ser analisada como um fenômeno social sujeito a um desenvolvimento

histórico particular, cuja observação terá de ser sempre situada e contextualizada” (PEREIRA, 2011, p. 118). Logo, também concebemos a música popular, especificamente o funk, como objeto de estudo, uma vez que ela pode nos fornecer uma compreensão das formações sociais e das mais variadas culturas (PEREIRA, 2011).

Se a música pode ser vagamente definida como uma forma artística que consiste na combinação de sons e silêncios que se propagam no tempo, a adição do termo popular vem complicar substancialmente a distinção das formas de música que poderão, ou não ser incluídas nessa categoria. A um nível superficial, dir-se-á do popular que consiste naquilo que é amplamente reconhecido e apreciado por um público vasto e disperso (PEREIRA, 2011, p. 119).

Logo, entendemos que a diferença entre música popular e erudita não está em questões estéticas, mas em relação à data de composição, ao acesso, à apreciação e ao consumo dessas músicas. A primeira é amplamente consumida, enquanto a segunda se restringe a um público menor, específico²⁰. Podemos apontar como uma das principais características da música popular a produção e a distribuição em massa, configurando-se um produto da indústria cultural²¹. Outros fatores influenciam essa classificação, como a linguagem musical empregada, os compositores, o gênero, os produtores etc.

As reflexões de Adorno e de Horkheimer (2011) são muito pertinentes sobre o papel ocupado pela música popular na sociedade contemporânea, que é tolhida de suas qualidades estéticas e de sua profundidade reflexiva, em nome de um processo de fabricação e de consumo rápido e fácil. Na visão desses estudiosos, a música popular passa a ser caracterizada como um produto descartável. Nesse contexto, a música conduz seu ouvinte à “perda de capacidades comunicativas e igualmente de capacidades auditivas” (PEREIRA, 2011, p. 122).

Na indústria cultural, até mesmo o papel do compositor é minimizado e descentralizado, e a música popular passa a ser produzida em uma linha de montagem. Como o melhor exemplo dessa situação, apontamos a música pop padrão (HOBBSAWN, 2008). Ao refletir sobre a indústria cultural e seus efeitos na

²⁰ Fazemos a opção por não adotar o termo “música clássica” por entender que esse rótulo contemple apenas a música composta no período clássico, de 1750 a 1820 (GUIA..., 2007).

²¹ Termo criado pelo filósofo Theodor W. Adorno em parceria com Max Horkheimer em meados do Século XX, para designar a indústria responsável pelo declínio da arte e ascensão de um consumismo descartável.

música, Hobsbawn (2008) não só a qualifica como também chega a quantificá-la, num momento em que a música, muita vezes, é produzida sob um único molde

de 32 compassos, com coro em três partes, consistindo em uma melodia de oito compassos (o carro-chefe), repetido, o release, a ponte, o canal ou apenas a parte intermediária, e a repetição do início. Isso reduz o elemento humano de invenção a dezesseis compassos, desde que esses também não sejam plagiados. O resto é mecânico. O inventor da canção, que só precisa ser capaz de assobia-lo, o entrega ao harmonizador e esse, por sua vez, àquela pessoa cada vez mais importante em todo esse processo, o orquestrador, que faz o “arranjo”, ou seja, realmente decide como a música soará (HOBSEAWN, 2008, p. 218, grifo nosso).

A cultura de massa, através da música popular, pode causar efeitos nefastos na sociedade, exercer controle social, conformismo e homogeneização e induzir o consentimento coletivo, impedindo a emancipação e/ou a resistência a um poder dominante (PEREIRA, 2011). Podemos até mesmo conceber a música como um aparelho ideológico mantenedor de um *status quo*.

Ao refletir sobre o papel dos ouvintes, Pereira (2011) traz dois perfis: o “público majoritário passivo” e o “público minoritário activo”. Para ela,

um público maioritário passivo, cujos hábitos de audição poderiam ser caracterizados como indiscriminados encontrando-se na base de sua motivação o mero acto de consumo, e um público minoritário activo, cujos hábitos de audição derivariam antes de uma postura discriminatória e criticamente desenvolvida. Essa distinção de comportamentos do público viria, aliás, a ter uma influência duradoura nos trabalhos de pesquisa que se desenvolveriam nos anos seguintes (PEREIRA, 2011, p. 123).

Concordamos com Pereira (2011), ao afirmar que a maioria do público da música popular é passiva. Contudo, na visão da autora, mesmo que o ouvinte passivo exerça certo nível de criticidade, não fica claro. Dessa forma, a nocividade da indústria cultural não seria tão pior quanto a indução e/ou coerção exercida por outras instituições como as igrejas ou o Estado. Salientamos, então, a necessidade de se tentar evitar juízos de valores a respeito da música popular ou de gêneros musicais específicos.

Defendemos que compreender a música popular em um âmbito social é de fundamental importância para se entender o funcionamento da sociedade pós-moderna. Além disso, vemos a música popular através de sua “onipresença” nessa

sociedade como um catalisador de diversos processos, entre os quais, destacamos o processo de construção identitária.

4.2.1 O entendimento de cultura

A sociedade atual apresenta-se de múltiplas formas. Compreender o conceito de cultural é sobremaneira importante para que se possa entender a sociedade e seus paradoxos advindos da diversidade cultural. As diferenças no comportamento dos homens podem ir das pequenas sutilezas às mudanças completas de rituais ou comportamentos. Existe uma infinidade de fatores que exercem influências sobre as construções culturais, entre elas, destacam-se os fatores biológicos e os geográficos. Contudo, evitamos as correntes deterministas de pensamento e acreditamos que a cultura é uma construção dialética. Portanto, um fenômeno que, em algum momento, apresenta-se de forma estática.

São velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a 'raças' ou a outros grupos humanos. Muita gente ainda acredita que os nórdicos são mais inteligentes que os negros; que os alemães têm mais habilidade para a mecânica; que os judeus são avarentos e negociantes; que os norte-americanos são muito trabalhadores, traiçoeiros e cruéis; que os ciganos são nômades por instinto, e, finalmente, que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses (LARAIA, 2009, p. 17).

“Nas ciências humanas e sociais, concedemos à cultura uma importância e um peso explicativo bem maior do que estávamos acostumados anteriormente” (HALL, 1997, p. 8), por isso iniciamos nossa incursão dialogando com a Antropologia, que nos mostra evidências de que as correntes deterministas são carregadas de prenoções e/ou preconceitos que têm perpetuado suas ideologias eurocêntricas por séculos, mesmo que já tenha sido constatado que “as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais” (LARAIA, 2009, p. 17). Anatômica e fisiologicamente, existe, na espécie humana, o dimorfismo sexual²². Contudo, é equivocada a interpretação de que as diferenças comportamentais entre pessoas de sexo diferente sejam determinadas pelo fator biológico. Logo, a divisão

²² Diferenciação entre indivíduos do sexo masculino e do feminino.

do trabalho, nas mais diversas sociedades, é definida culturalmente, e não, biologicamente (LARAIA, 2009).

O fator biológico não determina padrões culturais nem o ambiente físico que pode exercer influência na diversidade cultural, mas não a determina. Essa ideia é amplamente defendida por pesquisadores como Franz Boas e Alfred Kroeber a partir dos anos de 1920. Esses pesquisadores mostraram que, em um mesmo ambiente físico, pode existir uma grande diversidade cultural (LARAIA, 2009). A “cultura age seletivamente, e não, casualmente sobre seu meio ambiente, explorando determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento, para o qual as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura” (LARAIA, 2009, p. 24).

Uma vez superadas as visões deterministas, a cultura passa a ser vista como um processo de aprendizagem, um comportamento aprendido independente de uma transmissão genética. Logo, a cultura irá compreender aspectos materiais e imateriais, como conhecimentos, crenças, arte, leis ou qualquer outro hábito ou capacidade adquirido pelo homem como membro de um grupo ou sociedade (LARAIA, 2009). Para Shalins (2003, p. 61-62) “a cultura estará relacionada [...] à lógica ‘objetiva’ da superioridade prática ou à lógica significativa no ‘esquema conceitual’. No primeiro caso, a cultura é um sistema instrumental; no segundo, o instrumental se encontra sujeito a sistemas de outra espécie”. Ao falar em **superioridade** prática, remetemos a Hall (1997), quando afirma que o cerne da compreensão do que seria a cultura está intimamente ligado à questão do poder. “Quanto mais importante – mais ‘central’ – se torna a cultura, tanto mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam” (HALL, 1997, p. 14).

Refletindo sobre como surgiu a cultura, Shalins (2003) ilustra esse fenômeno usando o exemplo da sociedade punaluana e afirma:

A teoria pode ser resumida da seguinte forma: os homens cedo desenvolveram certas práticas, formas de comportamento, como a exclusão de irmãos e irmãs de uniões sexuais de grupo, que provaram naturalmente ser úteis e vantajosas. As vantagens foram apreciadas e os comportamentos formulados como modos de organização – por exemplo, a família punaluana, a gens – que, por sua vez, estavam sujeitos à reflexão secundária ou à codificação na terminologia do parentesco. Alinha geral de força da demonstração, a *orientação do efeito lógico*, vai dos limites naturais à prática

comportamental, e da prática comportamental à instituição cultural: (1) circunstância → prática → organização e codificação (instituição). (SHALINS, 2003, p. 66).

Diante desse pensamento, passamos a entender que a cultura se origina da necessidade, do desejo e dos costumes que são ritualizações para suprir as necessidades biológicas. Retomando Laraia (2009), a cultura nasceu quando o homem convencionou a primeira regra, que teria sido a proibição do incesto, comportamento comum em todas as sociedades. Em nosso diálogo com a Antropologia, vemos a questão da hierarquização das culturas, em que existiria uma linha evolutiva, que é linear, que todas as diferentes culturas iriam percorrer, e em cujo extremo positivo estavam as sociedades europeias.

Dessa maneira, era fácil estabelecer uma escala evolutiva que não deixava de ser um processo discriminatório, através do qual as diferentes sociedades humanas eram classificadas hierarquicamente, com nítida vantagem para as culturas europeias. Etnocentrismo e ciência marchavam então de mãos juntas (LARAIA, 2009, p. 34).

Hoje vemos a cultura como multilinear, por isso recusamos essa visão evolucionista e defendemos que cada cultura percorre um caminho específico, sem que seja preciso compará-las. O homem seria o produto da cultura, o “resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 2009, p. 45).

Observando as correntes que tendem ao idealismo, temos outra visão – a de que a cultura é vista como um sistema de símbolos e significados e compreende regras e normas de comportamento. Esses símbolos são arbitrários e condição indicativa da cultura humana (SAHLINS, 2003). Pensando na criação e no uso de signos, a cultura pode ser interpretada também como uma forma de classificar.

Laraia (2009) afirma que a herança cultural nos condiciona a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pelos moldes da “nossa cultura”, que sempre teve a Europa como um modelo de desenvolvimento a ser seguido. Logo, podemos identificar, nesse ponto de vista, uma das possíveis explicações do discurso racista contra a cultura africana e/ou afrodescendente. “Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos

sociais” (LARAIA, 2009, p. 72-73). Embora a cultura seja dinâmica, existem segmentos da sociedade que tentam “engessar” a cultura de forma que ela seja “um mapa de sua condição no presente” (SHALINS, 2003, p. 63), sendo responsável pela manutenção do *status quo*. “Mas a continuidade do costume é sempre vulnerável à ruptura, quer somente pela comparação com outras formas, quer na socialização do jovem” (SHALINS, 2003, p 76).

Essa visão explica por que uma regulação da cultura tem grande importância. Entendemos que a cultura regula nossas práticas sociais o tempo todo. Logo, aqueles que precisam ou querem influenciar ou, em determinados momentos, até moldar o que acontece no mundo, necessitam ter a posse da “cultura” para regulá-la (HALL, 1997).

Quando um indivíduo é inserido em um sistema cultural, tem ao seu dispor uma infinidade de elementos que constituem essa cultura. A partir disso, começamos a estabelecer uma relação entre identidade e cultura, mas a participação de um indivíduo numa cultura é sempre limitada (LARAIA, 2009), porquanto ele não consegue se apropriar de todos os elementos que estão ao seu dispor, devido à complexidade de cada um desses elementos. É nesse ponto em que será criado um sentimento de pertencimento não só com a cultura como um todo, mas também com os elementos ou dispositivos específicos, o que resulta em um processo que culmina numa formação identitária. Isso acontece nas culturas ditas com alto grau de complexidade até as com o menor grau.

Canclini (1995) sintetiza toda a problemática da cultura de maneira muito feliz, quando enuncia que a considera como

um lugar onde se representa nos sujeitos o que sucede na sociedade e como instrumento para a reprodução do sistema social. [...] se os sujeitos não interiorizam, através de um sistema de hábitos, de disposições, de esquemas de percepção, compreensão e ação a ordem social, essa não pode produzir-se somente através da mera objetividade. Necessita reproduzir-se, também, na interioridade dos sujeitos. Essa dimensão simbólica, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva, é nuclear dentro da cultura (CANCLINI, 1995, p. 60).

Acrescentamos a função de conhecimento do sistema social ao conceito de cultura (ESCOSTEGUY, 2010). O espaço criado pela cultura é o da diferença. Nesse espaço, que está constantemente reconfigurando os hábitos da sociedade, as questões das lutas sociais são travadas.

Ao discutir sobre o termo cultura, Williams (2000; 2011) inicia pelo significado da palavra (em inglês), que adquiriu outro significado depois da Revolução Industrial, porquanto vista como um ato de cultivar algo, como, por exemplo, o cultivo de um vegetal, passou para uma coisa em si. Nesse contexto, a palavra cultura ainda é passível de inúmeras leituras diferentes, das quais salientamos “um estado geral ou hábito da mente”, “uma situação geral de desenvolvimento intelectual em uma sociedade como um todo” e “corpo geral das artes”. Porém o significado mais adequado para nossa realidade é “todo um modo de vida, material, intelectual e espiritual”, que pode ser sintetizado como apenas “todo um modo de vida”, em que há uma convergência entre o significado, a Antropologia e a Sociologia (WILLIAMS, 2011, p. 18).

A partir desses conceitos, vemos a cultura composta por práticas cotidianas que são dotadas de significados, como as artes (literatura, dança, música, plásticas, performáticas), a moda e a Filosofia (WILLIAMS, 2000). Podemos pensar, então, na existência da cultura do grupo e na cultura do indivíduo. Ao tentar definir esse conceito, Canclini atribui a ocorrência mais comum do termo cultura ao “acúmulo de conhecimentos e aptidões intelectuais e estéticas” (CANCLINI, 2007, p 37).

Logo, o pensamento de cultura que passou a ser disseminada, no início do Século XIX, ainda atrelada ao pensamento romancista, era como uma ideia que expressava valores independentes de “civilizações” e do progresso social, e apesar de o termo cultura já significar um modo de vida, num primeiro momento, apregoava-se uma imagem de “desenvolvimento harmonioso daquelas faculdades que caracterizam nossa humanidade” (WILLIAMS, 2011, p. 87). Esse ideal não influenciava a sociedade, como também a julgava, a aqui nós termo da palavra “culto”, para identificar um indivíduo de determinado segmento da sociedade, e expressões como “não culto”, “inculto” ou “sem cultura”, para identificar a cultura popular, que seriam as práticas ditas vulgares. “O conceito de minoria culta, em uma oposição a uma massa ‘decreada’, tende, em sua afirmação, a uma arrogância e ceticismo que são prejudiciais” (WILLIAMS, 2011, p. 288). Dito isso, afirmamos que uma formação cultural é um processo democrático.

Ao falar de significados, Williams (2000) faz uma ressalva para o fato de a cultura ser também um instrumento disseminador ou mantenedor de uma ideologia, aqui entendida como “a *visão de mundo ou perspectiva geral* característica de uma classe ou de outro grupo social, a qual inclui crenças formais e conscientes, mas

também atitudes, hábitos e sentimentos menos conscientes e menos articula ou [...] posturas e compromissos inconscientes” (WILLIAMS, 2000, p. 26).

Ainda percorrendo o pensamento de Williams (2000), ele conclui sua linha de raciocínio definindo a cultura como um “sistema de significações realizado”, tanto em suas leituras mais amplas quanto nas mais restritas, e salienta que não é importante estudar só as instituições, as práticas e as obras, mas também a relação entre elas (WILLIAMS, 2000).

Feitas essas reflexões sobre o que é cultura, faremos, agora, uma breve abordagem sobre como ela opera nos dias de hoje.

4.2.2 Enquadramentos culturais: como opera a cultura

Na compreensão de Hall (1997), “a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia” (HALL, 1997, p. 2), influenciando, segundo esse autor, intensamente o desenvolvimento do ambiente global e as disposições de recursos humanos, materiais e econômicos. Hall (1997) discorre sobre uma cultura global que vem se firmando através da “revolução da informação” como consequência da constante evolução das tecnologias de informação e comunicação.

Nesse contexto globalizado e tecnológico, a cultura, agora concebida como produto industrializado, age como mediadora em vários processos na sociedade da Informação-Conhecimento-Aprendizagem, onde é destacado o papel da mídia que atua como parte crítica na infraestrutura material das sociedades atuais, uma das principais formas de disseminar ideias.

Com a imensurável diversidade cultural existente em nosso planeta, passamos a integrar um processo de uniformização cultural definido por Hall (1997) como “centralidade da cultura”, onde temos padrões culturais, “ditados” por alguns segmentos da sociedade ocidental, que estão englobando as culturas locais e causando seu desaparecimento. Trata-se de um problema que exerce influência direta na construção identitária individual ou coletiva. “É, portanto, mais provável que produza 'simultaneamente' novas identificações 'globais' e novas identificações locais do que uma cultura global uniforme e homogênea” (HALL, 1997, p. 3). Assim, a cultura global prospera na conversão das diferenças em outros produtos culturais,

logo, alguns elementos locais são escolhidos como itens de uma cultura global, enquanto todo o resto é condenando ao esquecimento.

Ainda comungando com Hall (1997), observamos que a cultura global está sempre atrelada ao consumo, às tendências criadas numa escala global, e “tais mudanças são relacionadas, de alguma forma, a situações sociais, de classe e geográfica, e não, exclusivamente de classe” (HALL, 1997, p. 4). Agora estamos sempre negociando, vendendo e comprando novas culturas e nos redefinindo a cada momento. Podemos, então, afirmar que vivemos, simultaneamente, dois movimentos contrários, no que diz respeito à cultura. De um lado, lutamos pela celebração da diferença cristalizada nos conceitos multiculturalismo e interculturalidade (CANCLINI, 2007), e em movimento contrário, observamos como um dos efeitos da globalização a uniformização das diferentes culturas, no dizer de Hall (1997), a centralidade da cultura.

4.2.3 Reflexões sobre a cibercultura e a cultura popular

Uma das outras facetas da noção de cultura que se mostra pertinente as nossas reflexões é o termo cibercultura. Para entendê-lo, recorremos a Lévy (2000), que trata desse termo sempre associado ao termo ciberespaço, que representa um lugar onde os sujeitos, sobretudo os jovens, podem experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes das mídias clássicas. A evolução das TIC traz a abertura para novos espaços de comunicação a serem explorados pelos sujeitos e reconfigura as relações políticas, econômicas, culturais e humanas (LÉVY, 2000), criando o que Lemos (2002) chama de uma nova cultura tecnológica planetária. Ao contextualizar essa problemática, esse autor (2000) ironiza os posicionamentos adotados acerca do fenômeno da globalização, que podemos apontar como um dos fatores que aceleraram o seu desenvolvimento nos últimos anos - a criação do ciberespaço - e afirma em tom provocativo:

Qualquer esforço para apreciar a cibercultura coloca você automaticamente ao lado da IBM, do capitalismo financeiro internacional, do governo americano, tornando-o apóstolo do neoliberalismo selvagem e duro com os pobres, um arauto da globalização escondido sob uma máscara de humanismo! (LÉVY, 2000, p. 12).

Com essa afirmação, somos colocados em uma posição de alerta para que os processos econômicos não sejam minimizados ao se discutir a cibercultura. Pautada num diálogo possível pelo ciberespaço, a cibercultura pode ser pensada como uma “cultura mutante”, nascida como um produto das diferentes formas de cultura que surgiram antes dela, “que se constrói na indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 2000, p. 15). Complementando esse pensamento, Lemos (2002) nos adverte para que não confundamos a cibercultura com uma subcultura de uma ou algumas tribos. “Ao contrário, a cibercultura é a nova forma da cultura” (LEMO, 2002, p. 11). Ela se manifesta nas apropriações de imagens, na criação através de colagens de discursos não lineares (LEMO, 2002), discurso consonante com o de Harvey (2002), ao descrever as características da sociedade dita pós-moderna.

De forma simplificada, Lévy (2000) define o ciberespaço como “a rede”, o ambiente resultante da (inter)conexão mundial de computadores. Nas palavras do próprio autor, o ciberespaço é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2000, p. 92). Ele refere que a cibercultura é um neologismo que especifica o conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensar e valores que se desenvolvem no ciberespaço (LÉVY, 2000). Nesse sentido, há uma convergência com o pensamento de Lemos (2002), quando afirma que “a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização etc.) vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social, que chamaremos de cibercultura” (LEMO, 2002, p. 15).

Para Lemos (2002), a cibercultura nasce na década de 50 do século passado, junto com a informática e a cibernética, e só começou a se popularizar a partir de 1970, com o surgimento dos microcomputadores; firmou-se nos anos 80, com a informática de massa, e nos anos 90, com as redes telemáticas, principalmente com o *boom* da internet.

Ao aprofundar essa discussão, constatamos que o essencial da cibercultura é o paradoxo do universal sem totalidade (LÉVY, 2000). Ao falar em universal, o autor se refere à quebra de linearidade e às hierarquias advindas com a democratização do acesso ao ciberespaço, em que não há centro ou linha diretriz e aceita a todos, pois tem como objetivo maior por em contato um ponto qualquer com qualquer outro (LÉVY, 2000). Uma das características do ciberespaço é a

descontextualização ou fragmentação da informação, em que é posto em cheque a fonte de autoridade (típica das culturas escritas). Agora, o significado da mensagem não precisa ser, necessariamente, o mesmo, não há a precisão da conservação dos significados, o que explica a segunda parte do paradoxo da cibercultura.

*A cibercultura dá forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade. E, repetimos, trata-se ainda de um universal, acompanhado de todas as ressonâncias possíveis de serem encontradas com a filosofia das luzes, uma vez que possui uma relação profunda com a idéia de humanidade. Assim, o ciberespaço não engendra uma cultura universal porque *de fato* está em toda parte, e sim porque sua forma ou sua idéia [sic] implicam *de direito* o conjunto dos seres humanos (LÉVY, 2000, p. 119, grifo do autor).*

O ciberespaço é, então, uma ruptura com o formato das mídias de massa, uma vez que elas “dão continuidade à linhagem cultural do universal totalizante iniciado pela escrita” (LÉVY, 2000, p. 116). “A cibercultura, por sua vez, é a forma contemporânea da técnica que joga com os signos dessa tecnonatureza construída pela astúcia da tecnocracia. É ao mesmo tempo, ruptura e continuidade” (LEMOS, 2002, p. 19).

Lévy (2000) conclui a sua reflexão sobre a cibercultura analisando os seus componentes. Para ele, o fenômeno é formado por três pilares que se situam num contínuo: a interconexão, apregoando que a conexão é sempre melhor que o isolamento; as comunidades virtuais, uma consequência da interconexão, visto que os (ciber)sujeitos estão conectados e se agrupam em torno de interesses comuns; e o a inteligência coletiva, que é a sinergia dos saberes, das imaginações e das energias espirituais daqueles que estão conectados.

A cibercultura nos coloca em uma posição em que confrontamos nossa própria liberdade, assim como nossa responsabilidade (LEMOS, 2002). Nesse sentido, com essas novas ferramentas, temos acesso praticamente irrestrito aos mais variados tipos de informação. Aqui é criado um contexto onde, antes de tudo, é preciso ponderar sobre as fontes e as possibilidades advindas com elas.

A internet é um espaço de comunicação propriamente surrealista, do qual “nada é excluído”, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam. Já que tudo é possível, ela manifesta a

conexão do homem com a sua própria essência, que é a aspiração à liberdade (LEMOS, 2002, p. 12)

Pode-se pensar, então, na cibercultura como a bandeira das tecnologias da liberdade, uma tecnologia “retribalizante”, que professa a democratização do acesso, agregação social. Podemos citar o hipertexto como um exemplo que quebra a linearidade existente antes entre o leitor e o autor (LEMOS, 2002).

Na sociedade atual, a cibercultura começa a se mostrar como um fenômeno onipresente, que influencia práticas que vão desde a medicina à economia, e se tornam também vetores da experiência estética. Dessa forma, a cibercultura aproxima a técnica, o saber fazer, do prazer estético (LEMOS, 2002). Ele segue o seu pensamento fazendo uma provocação a respeito do poder da cibercultura: estaríamos nós vivendo sob o olhar do *Big Brother*? O próprio autor dá a resposta, afirmando que não, a cibercultura irá implicar liberdade, contudo, não se deve pensar que “os efeitos dos controles tecnocráticos tenham desaparecido” (LEMOS, 2002, p. 18).

Lemos assevera que

a cibercultura é uma configuração sociotécnica de produção de pequenas catástrofes que se alimentam das fusões, impulsões e simbioses contemporâneas: o usuário interativo da cibercultura nasce do desaparecimento do social e da implosão do individualismo moderno (LEMOS, 2002, p. 75).

Entendemos que, no ciberespaço, há flexibilidade para se vivenciar e expor a individualidade, o que reflete diretamente nas formas da cibercultura. Vive-se, cada vez mais forte, a cultura do “faça você”, que é facilitada pelo ciberespaço de diversas formas diferentes. Contudo, essas práticas não implicam a disseminação de um pensamento que será, necessariamente, anarquista, como pode ser exemplificada pela “netetiqueta”, ser entendida como sugestões de conduta feitas pelos próprios (ciber)sujeitos e que variam entre cada comunidade virtual.

A partir dessa reflexão, inferimos que o entendimento de cibercultura não difere muito do de cultura. A maior diferença entre os dois é de que, enquanto a cultura estaria ambientada no mundo real, o mundo físico, a cibercultura está situada no mundo virtual, no ciberespaço. É sempre pertinente salientar a dinamicidade da(s) cultura(s). Lembremos que tanto a cultura quanto a cibercultura estão em

movimento contínuo, uma se apropriando de modos e práticas da outra, assim como o (ciber)sujeito que transita entre esses dois mundos.

Além da compreensão das noções de cibercultura, outro conceito pertinente a nossa discussão é o de cultura popular. Ao refletir sobre essa problemática, Coelho Netto (1997) traz à luz cerca de vinte diferentes associações do termo cultura. Como exemplos, citamos a cultura autônoma, a cultura dominante, a cultura dominada, a cultura hegemônica, a cultura latente, a cultura patente, as culturas híbridas, as culturas centrais, entre outras, e deixar claro que essa tipologia cultural está em constante expansão.

Ao discutir sobre esses conceitos, o autor mostra que as interações entre as diferentes culturas podem configurar-se como verdadeiros campos de batalha, onde as diferentes culturas são julgadas segundo juízos de valor que ainda têm como modelo uma visão eurocêntrica da sociedade ocidental.

Nesse ponto, olhamos para a cultura popular em oposição à cultura erudita (alta cultura), como uma cultura advinda das camadas populares das sociedades que seria dotada de um grau menor de sofisticação. Nas diferentes noções de cultura popular, há um espaço que ilustra muito bem a interação entre a cultura dominante e a cultura dominada, onde ela se configura como um espaço para a manifestação de ideias conflitantes, um gueto a ser resguardado contra a cultura dominante. A cultura popular também pode “bolsões” a serem eliminados pela indústria cultural (COELHO NETTO, 1997). Pela suposta limitação em seu grau de sofisticação, a cultura popular tende a ser vista como exótica ou primitiva, que demandaria uma domesticação.

Vemos, na cultura popular, um espaço de trânsito livre entre os objetos culturais e os sujeitos em toda a sua multiplicidade que incentiva a democratização da cultura (COELHO NETTO, 1997). Entendemos que a cultura popular é produzida para um consumo amplo, e não, para um público específico, como os produtos da cultura erudita.

Nos estudos culturais norte-americanos, a expressão cultura popular costuma designar com frequência, de maneira exclusiva, os produtos culturais próprios da sociedade de massas e criados ou veiculados pelos meios de comunicação de massa (rádio, TV, cinema, história em quadrinhos, etc.); não é incomum que a expressão adquira, nesse caso, um sentido pejorativo, por considerar-se que o objeto por ela designado não é verdadeiramente cultural, não torna as

peças "susceptíveis às idéias", como queria Kant ao apresentar a cultura como parte do vasto "cenário onde atua a sabedoria suprema" (COELHO NETTO, 1997, p. 121).

Constatamos, com o dizer de Coelho Netto (1997), que a cultura popular tem o seu valor diminuído em detrimento da amplitude de seu uso ou sua aceitabilidade. É comum a visão de que a qualidade ou profundidade da cultura popular é inversamente proporcional ao seu acesso. Esse pensamento nos remete à ideia de alta cultura e não é adequado à realidade em que vivemos hoje.

O termo [cultura popular] pode ter uma variedade de significados, nem todos úteis. [...] o significado que mais corresponde ao senso comum: algo é 'popular' porque as massas [...] o consomem e parecem apreciá-lo imensamente. Essa é a definição comercial ou de 'mercado' do termo (HALL, 2003, p. 253).

Ao contrário, defendemos que a cultura popular tem seu valor justamente por ser produzida pelo povo, pelas classes populares e para o povo, sem que sejam necessários conhecimentos específicos para consumi-la. De uma forma mais descritiva, a cultura popular seria "todas essas coisas que 'o povo' faz ou fez" (HALL, 2003, p. 256). Hall (2003) reflete sobre o entendimento do termo cultura popular e começa a firmar seu ponto de vista compreendendo que esse conceito tem sido, há muito tempo, associado às questões da tradição, ou seja, as formas tradicionais da vida cotidiana. O autor salienta que o estudo da cultura popular deve ser movido por um duplo interesse, o "movimento de conter e resistir que, inevitavelmente, se situa em seu interior" (HALL, 2003, p. 249).

Cientes da complexidade que o termo cultura popular apresenta, adotamos como o mais adequado a nossa realidade de pesquisa a noção de que a cultura popular compreende "as formas e as atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas; que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares" (HALL, 2003, p. 257). Logo, a cultura popular será um terreno de negociações, resistências, distorções, incorporações e recuperações com a cultura dominante (HALL, 2003).

4.3 O FUNK: UMA FACETA DA CULTURA POPULAR

O funk nasceu nos Estados Unidos, no final da década 1960, como uma forma de hino à alegria, uma recusa às conotações negativas às quais os negros e as negras nos Estados Unidos estavam sujeitados. Virou um dos símbolos do movimento negro, por representar o orgulho negro. Foi mais bem recebido nas regiões de periferia. Quando chegou ao Brasil, o gênero teve mais adesão nas favelas cariocas e foi nos morros que “embalou o movimento de valorização da cultura negra na década de 1980” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 282).

O contexto histórico em que o gênero nasceu nos EUA foi o momento em que as organizações pelos direitos civis das populações negras no país começavam a ganhar uma força que não tinham até então. “Esses grupos, que enfrentavam a hostilidade e o descaso das autoridades políticas, lutavam por direitos econômicos e políticos e usavam a palavra ‘liberdade’ como expressão do anseio por igualdade, reconhecimento, direitos e oportunidades” (ALVES, 2011, p. 61).

Nos Estados Unidos, o movimento pelos direitos civis alcançou seu clímax no ano de 1963, quando o Departamento de Justiça registrou mil quatrocentas e doze manifestações distintas e mais de quinze mil prisões devido a protestos. Foi em agosto do mesmo ano, numa manifestação que ficou conhecida como a “Marcha de Washington”, onde Martin Luther King Jr. proferiu o seu famoso discurso “Eu tenho um sonho” para mais de duzentas mil pessoas, o que abriu caminhos para movimentos como o Black Power e o Partido das Panteras Negras a partir da segunda metade da década de 1960 (ALVES, 2011).

“A complexidade musical africana, feita de canto-resposta, de polifonia vocal e rítmica e da improvisação, proporcionou as condições para o surgimento de vários ritmos musicais” (GUEDES, 2007, p. 37). Esses fatores, somados ao cenário da história vivido nos EUA, na década de 1960, foi propício para o nascimento do funk, um gênero musical que, entre outras coisas, objetivada fomentar a “conscientização dos direitos civis dos negros americanos elevando a auto-estima dos companheiros, comungando do pensamento de líderes negros como Malcom X e Martin Luther King Jr” (GUEDES, 2007, p. 38).

No Brasil, o início do funk foi marcado por ser uma música que, entre outras coisas, transmitia informações positivas acerca da identidade negra. É importante salientar que, no Brasil, o funk, num primeiro momento, teve mais adesão no Rio de

Janeiro, mas não se reteve apenas a essa cidade, mas também na Região Sudeste do país (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), mas perpassou, e ainda perpassa, todo o território nacional.

Friedlander (2006) afirma que o funk ajudou a se criar um espaço onde cresceu o orgulho negro no Brasil, em conjunto com o movimento pelos direitos civis. Vemos, então, que o funk, em nosso país, tornou-se um dispositivo de valorização da cultura negra, influenciado pela cultura da Black Music norteamericana (SILVA JÚNIOR, 2010).

Na década de 80, o movimento funk carioca, sob a influência do *maimi bass*, se consolida adquirindo um ritmo parecido ao do rap, porém com batidas graves, acentuadas e mais rápidas, reafirmando a proposta de ser algo mais alegre a dançante. A descoberta da possibilidade de usar a bateria eletrônica baseada numa batida funk do ritmo *maimi*, e a inserção linguagem do morro, as gírias da favela, faz brotar o “funk carioca”. Certamente foi por esses motivos que o ritmo funk conquistou, sobretudo, a juventude da periferia do Rio de Janeiro (GUEDES, 2007, p. 44).

Rapidamente o funk tornou-se um fenômeno de imensa proporção e chegou a reunir “até dois milhões de jovens (pretos e favelados), em cerca de 700 bailes por final de semana da cidade do Rio de Janeiro” (SILVA, 2009). Um exemplo da aceitação crescente do funk, desde sua chegada ao Brasil, é o fato de estabelecer diálogo com outros gêneros e de criar inúmeras variações de ritmos na música brasileira.

Segundo a literatura que trata da temática do funk, em sua origem, subdividia-se em três grandes subgêneros: o funk irreverente, que tem como principal característica as letras de duplo sentido além de um caráter cômico; o funk consciente, que se assemelha bastante ao rap, com letras politizadas que denunciavam a realidade da periferia e problemas como o racismo e a violência policial, e o proibidão, com letras que falavam da criminalidade vivida na periferia, enaltecendo a imagem do traficante, visto aqui como uma espécie de herói (SILVA JÚNIOR, 2010).

A literatura científica acerca do funk demonstra uma grande preocupação em comparar a imagem do funk com a veiculada pela mídia de massa e as pessoas que estão dentro das comunidades onde ele é vivenciado. Observa-se que existe uma tentativa de “demonizar” o funk, através de informações reducionistas e

estereotipadas, que restringem o gênero à violência e à “objetificação” da mulher como um objeto sexual. Esse fenômeno é bem semelhante ao vivido pelas religiões de matrizes africanas no Brasil, estigmatizadas como fenômenos demoníacos, que trazem como consequência a invisibilização das pessoas que integram esses fenômenos. Contudo, entendemos o funk como criativo ou persistente para sobreviver e derrubar preconceitos e uma das muitas formas de expressar a cultura popular, que traz a possibilidade de ir além das críticas e usa as informações disseminadas por meio dele como uma forma de agir, de provocar mudanças numa sociedade que vive sob práticas excludentes, ressignificando a imagem do gênero e desconstruindo imagens pré-concebidas dele.

O funk é uma recusa a identidades pré-fabricadas e projetadas nos sujeitos que não têm como tomar consciência de sua posição, uma forma de tolhê-los da periferia de uma posição de empoderamento. Por meio do funk, o sujeito nega a identidade de quem é “excluído da participação na sociedade, com a qual contribuiu economicamente, com trabalho escravo e, também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil” (MUNANGA, 1994, p. 187).

Em relação aos seus aspectos técnicos, o funk é um gênero musical de ritmo forte, bem marcado, andamento rápido. Essas características conferem ao “batidão” um ritmo contagiante, com melodias que são facilmente memorizáveis. Essas características pouco mudaram desde o nascimento do funk e reforçam sempre o sentimento de alegria proposto pelo seu criador, James Brown, ao conceber o gênero (SILVA JÚNIOR, 2010).

Observamos que uma das críticas mais recorrentes no funk hoje é em relação ao apelo sexual de algumas letras, que reduzem o papel da mulher. Contudo, entendemos esse fenômeno por uma ótica oposta, como um espaço que hoje é ocupado pelas mulheres, que estão em posse de uma liberdade que ainda não chegou para a maioria delas. Nos discursos das funkeiras, das mulheres-frutas, elas demonstram que têm liberdade para falar e vestir o que querem, para agir como querem, sem se autocensurar nem permitir censuras impostas pela sociedade brasileira, que é marcada por uma postura conservadora.

O funk tem uma postura que pode ser lida como incisiva, ácida ou anárquica. É uma forma de as camadas populares chamarem a atenção para si, visibilizando sua produção cultural que, no caso específico do funk, hoje alcança até mesmo as camadas mais “nobres” da população. Assim, ressaltamos o funk como uma forma

de cultura popular que cria um espaço, físico e/ou virtual e emocional, onde os sujeitos da periferia desenvolvem um estilo de vida resultante de “produtos culturais, gostos, opções de entretenimento, dança, roupas e tem como princípio estético pegue e misture” (MOURA, 2010). O funk é, ainda, sob nosso ponto de vista, uma forma de extravasar as pressões e as cobranças do cotidiano, as ideologias excludentes, cujas principais vítimas são os grupos que não são necessariamente minoritários, mas são tratados como tais, como a população negra e as mulheres, por exemplo.

4.3.1 A música na cibercultura e a apropriação da informação musical

Na cibercultura, a música é entendida “como um produto social e simbólico de grande importância nas diferentes formações culturais, principalmente se consideramos a sua capacidade de criar vínculos afetivos entre as pessoas” (SANTINI; LIMA, 2010). E por ser um produto cultural, que sempre esteve acessível a todos os segmentos sociais, nunca foi tão disseminado ou consumido. Sobre essa questão, Urtado (2008), dialogando com Cruvinel (2005), afirma que a música pode ser categorizada em dez funções relativas aos seus valores culturais, das quais ressaltamos: estabelecer comunicação; representar simbolicamente; impor conformidades às normas sociais; contribuir para a comunidade; promover estabilidade cultural e contribuir para a integração da sociedade.

Considerando-se essas funções, parece ser claro o papel da música como um veículo de informação. Contudo, podemos ir além, em nossa interpretação, e conceber a música como a própria informação, uma vez que ela é uma forma de conhecimento inscrito em um suporte (LE COADIC, 2004, p. 4). Assimilada a música como informação, procuramos entender como esse tipo de informação se comporta no ciberespaço.

A transmissão de arquivos musicais na Internet muda as relações entre produtores e usuários. Por um lado, os produtores de música podem disseminar com facilidade a sua obra, tornando-as virtualmente acessível a milhões de pessoas sem grandes custos de disseminação. Por outro lado, os usuários podem recuperar seus arquivos musicais sem depender da mediação da indústria fonográfica. A possibilidade de que a música circule sem um suporte físico faz com que produtores e usuários dependem menos da intermediação da indústria fonográfica. As máquinas e seus

mecanismos de busca ampliar as possibilidades de encontro entre o público, obras e autores (LIMA; SANTINI, 2009).

Escutar música na web hoje é um processo de busca e experimentação. O (ciber)sujeito tem a seu dispor músicas de diferentes países, idiomas e gêneros. E é aqui que eles começam a se agrupar em torno de um gênero ou artista do qual gostam e podem criar uma identidade coletiva, que pode ser um facilitador na construção da identidade individual (SILVA JÚNIOR, 2010). Os (ciber)sujeitos integram fóruns, comunidades virtuais, entre outros, e quando participam deles, têm liberdade de trocar informações de qualquer tipo, das quais salientamos as informações de teor étnico-racial e musical. Dessa forma, eles se apropriam das informações disseminadas no ciberespaço, para construir múltiplas identidades, como a identidade musical, a étnico-racial, a religiosa e a sexual, por exemplo.

O historiador Chartier (1995) explora o termo “apropriação” e afirma que “se apropriar é transformar o que se recebe em algo próprio, é produzir um ato de diferenciação que se contrapõe a qualquer tentativa rígida imposta [...], é atividade de invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1995, p. 6). Então, os (ciber)sujeitos vão tomar como próprias as informações que lhe são pertinentes, num dado momento, de forma que elas o subsidiarão no processo de construção identitária.

Entendemos, então, que, uma vez acessadas por meio dos blogs, os (ciber)sujeitos irão realizar uma operação de classificação, em que estarão determinando quais as informações que são pertinentes para eles naquele momento específico e, a partir daí, segue-se para o processo de memorização em que, memorizadas, as informações passam a integrar os conhecimentos do (ciber)sujeito, que fará uso delas da maneira mais adequada, dependendo da peculiaridade de cada situação. A todo esse processo damos o nome de apropriação da informação.

É crescente o número de ferramentas da web que disseminam a música e, conseqüentemente, a informação musical, como o *youtube*²³, o *myspace*²⁴, o *last.fm*²⁵, o *soundcloud*²⁶ e os blogs, por exemplo. Nesse ponto, voltamos nossa

²³ Site de compartilhamento de vídeos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/>>

²⁴ Rede social virtual que permite o compartilhamento de mídias como fotos e vídeos. Disponível em: <<https://myspace.com/>>

²⁵ Rede social virtual centrada em torno do compartilhamento de músicas e perfis baseados em gêneros musicais e artistas famosos ou desconhecidos. Disponível em: <<http://www.lastfm.com.br/>>

atenção para o caso específico dos blogs, pois se mostram mais abrangentes quanto às informações postadas neles, que podem ser um texto, uma imagem, um vídeo ou um arquivo de áudio (música, entrevista, podcast²⁷ etc.). Ressalte-se que uma mesma postagem pode incluir várias dessas categorias.

Nesse sentido, os blogs podem representar ou expressar, por meio de sinais gráficos, um objeto, uma ideia ou uma expressão e passam a fazer parte do objeto de estudo da Ciência da Informação, “submetendo-se ao seu arcabouço teórico, no que diz respeito ao seu ciclo de vida [...], aos métodos de indexação e recuperação da informação e aos estudos de usuários” (CRUZ, 2008, p. 11).

²⁶ Aplicativos (App) que permitem o compartilhamento de arquivos de áudio. Disponível em: <<https://soundcloud.com/>>

²⁷ É uma publicação de arquivos de mídia na web, por meio da qual os usuários podem fazer assinaturas para acompanhar as atualizações.

5 A IDENTIDADE NEGRA

Sabe-se que, no Brasil, assim como em muitos outros países, os indivíduos identificados como negros ou que exibem fenótipos negroides (características físicas como o tipo do cabelo, cor da pele, forma do nariz e lábios, entre outras) são vítimas diárias da discriminação (MOTA, 2012). Como forma de lutar contra esse fenômeno que persiste no imaginário brasileiro, vemos uma saída nas ações afirmativas, em nosso estudo, especificamente na afirmação da identidade negra, porque entendemos que se afirmar como negro ou negra ajuda a desconstruir a imagem do/a negro(a) como um ser inferior, feio ou dotado somente de força física.

Em síntese, no Brasil, a afirmação de uma identidade negra é necessária porque esse grupo, embora constitua parte significativa da população brasileira, é diariamente vítima do racismo, da discriminação e do preconceito, seja ele de forma explícita ou velada. Esse fenômeno nos motiva a refletir sobre o conceito de racismo, salientando a relevância de se construir a identidade negra, que se configura um instrumento contra o preconceito.

5.1 RAÇA, RACISMO E ETNIA: DEFINIÇÕES NORTEADORAS

Iniciamos nossa reflexão estabelecendo um diálogo com o antropólogo Kabengele Munanga (2003) que, inicialmente, remete-nos ao conceito de raça, originado do latim *ratio*, que significa categoria, espécie, sorte. Esse termo foi empregado, primeiramente, nas áreas da Botânica e da Zoologia, pelo naturalista sueco Carl Von Linné (MUNANGA, 2003). Foi a partir do Século XVII que o termo raça passou a ser empregado para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, ou seja, estava relacionado à questão das características físicas apresentadas pelos homens (*homo sapiens*) (MUNANGA, 2003).

O termo raça, ao longo do tempo, foi usado para hierarquizar culturas e pessoas e se tornou uma ferramenta de legitimação do racismo. Do ponto de vista biológico, há muito tempo, o termo se mostra inadequado para se referir aos seres humanos.

Como homens, pertencemos ao filo dos cordados, ao sub-filo dos vertebrados (como os peixes), à classe dos mamíferos (como as

baleias), à ordem dos primatas (como os grandes símios) e à espécie humana (*homo sapiens*) como todos os homens e todas as mulheres que habitam nossa galáxia (MUNANGA, 2003).

O termo *raça*, utilizado hoje, não é mais fundamentado na Biologia, mas vem do imaginário e das representações coletivas. Podemos pensar em “*raças sociais*” (MUNANGA, 2003), um conceito que se aproxima da ideia de *etnia*, uma vez que é um construto sociocultural e histórico. Mais uma vez, comungamos com Munanga (2003), que define a *etnia* como

um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. Algumas *etnias* constituíram sozinhas nações. Assim o caso de várias sociedades indígenas brasileiras, africanas, asiáticas, australianas etc., que são ou foram *etnias* de nações (MUNANGA, 2003).

Depois de apresentados os conceitos de *raça* e de *etnia*, podemos seguir para compreender o que seria o racismo. O termo foi criado na década de 1920 e, como todo conceito, é válido salientar que ele pode apresentar alto grau de polissemia. Porém, antes da criação do termo racismo, Gobineau (186-1882) foi considerado um dos criadores da teoria das *raças superiores* e *inferiores*, com seu livro “Ensaio sobre as desigualdades das *raças*” (BERND, 1994). O racismo é uma ideologia que divide a humanidade em grandes grupos: as *raças* (grupos sociais), com traços culturais, linguísticos, religiosos etc. e hierarquizados. Existem grupos superiores e inferiores. “Para ser racista, coloca-se como postulado fundamental a crença na existência da ‘*raças*’ hierarquizadas dentro da espécie humana. De outro modo, no pensamento de uma pessoa racista existem *raças superiores* e *raças inferiores*” (MUNANGA, 2012, p. 15).

O racismo, igualmente à ideia de *raça* para o *homo sapiens*, originou-se na Biologia. Uma vez constatada a inaplicabilidade da *raça* para diferenciar o ser humano, muda o seu eixo central para o social e a discriminação (formalizada) passa a existir não só contra as “*raças*” branca, negra e amarela, mas também contra mulheres, homossexuais, transexuais, jovens, pobres, burgueses, militares, ciganos, deficientes, pessoas obesas, entre tantos outros. “Temos, nesse caso, o uso popular do conceito de racismo, qualificando de racismo qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social” (MUNANGA, 2003).

Na visão de Bernd (1994), o racismo pode se apresentar de duas formas distintas: no sentido estrito (restrito) e no sentido lato (amplo, abrangente).

Se, cientificamente, a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente, esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis. Em outros termos, poder-se-ia reter como traço fundamental próprio a todos os negros (pouco importa a classe social) a situação de excluídos em que se encontram em nível nacional (MUNANGA, 2012, p. 16).

Observamos, em relação ao racismo, a falta de fundamentação de algumas críticas comuns aos ouvidos dos pesquisadores ou militantes que trabalham com as questões étnico-raciais. Por exemplo, uma das críticas mais comuns a essa problemática é o fato de se trabalhar só para consolidar uma identidade negra, e não, uma branca também, considerando que todos são iguais. A partir de discursos como esses, constamos a existência de uma hegemonia branca, racista, que tenta, a todo custo, manter a população negra à sombra da sociedade e mascara os seus objetivos por meio de um discurso pseudoigualitário.

5.2 A IDENTIDADE COMO UM QUEBRA-CABEÇA: JUNTANDO AS PEÇAS

Ao estudar a identidade - coletiva ou individual - devemos estar atentos aos inúmeros conceitos existentes, uma vez que a identidade é uma questão debatida desde a antiguidade (GLEASON, 1983). Procurando empregar de forma responsável o termo identidade, adotamos o olhar do antropólogo Kabengele Munanga (1994), para compreender o seu fenômeno:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (MUNANGA, 1994, 177-178).

Isso não deve ser esquecido em relação à identidade, que é um processo em construção e nunca, um processo estático. Podemos afirmar que as identidades

estão sempre em (re)construção. Elas são exercidas múltipla e simultaneamente - identidade religiosa, identidade sexual, identidade geográfica, identidade musical, identidade étnico-racial, identidade negra, entre outras.

Ao discutir sobre a problemática da identidade, Wanderley (2009) inicia refletindo sobre a etimologia da palavra, que é originada do latim, pela junção do adjetivo “*idem*” (significando “mesmo”) ao sufixo “*dade*” (que indica um estado ou uma qualidade). Portanto, a palavra identidade é empregada como “qualificadora daquilo que é idêntico, ou mesmo, identificadora de algo que permanece” (WANDERLEY, 2009, p. 105).

5.2.1 A memória como componente da identidade

São muitos os fatores que influem no processo de construção e/ou consolidação identitária. Mas, a princípio, sentimos a necessidade de observar com mais atenção a relação entre memória e identidade. Essa necessidade é salientada pelo antropólogo Joël Candau (2011, p. 9), quando afirma que “os conceitos de memória e identidade são fundamentais para qualquer um que tenha algum interesse no campo das Ciências Humanas e Sociais”.

No decorrer dessa discussão, somos movidos por um questionamento: o que é memória? Ao consultar a literatura, notamos que a problemática da memória como um fenômeno perpassa várias áreas do conhecimento, com destaque para algumas delas, como a Filosofia. Porém, para iniciar nossa incursão, adotamos o conceito tecido pelo historiador Jacques Le Goff (2003), em seu livro, “História e memória”, em que ele concebe a memória como um “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 476). A partir dessa concepção, entendemos que a formação da identidade está subordinada à memória individual ou à memória coletiva. Fragoso (2008) diz que memória e identidade são inseparáveis, porque a primeira constrói a identidade que se manifesta como existência da memória. Ambos os fenômenos estão sempre ligados, embora sejam distintos.

É necessário um esclarecimento em relação aos conceitos de memória coletiva e memória social, para evitar certa confusão terminológica. Para tanto, recorreremos a Halbwachs (2006) para solucionar essa questão. Em sua obra, “A

memória coletiva”, observamos a ocorrência de dois termos com o mesmo significado e utilizados em contraposição ao de memória individual. “Entendendo que conhecemos nossa memória pessoal apenas de dentro, e a memória coletiva de fora, haveria entre uma e outra um grande contraste” (HALBWACHS, 2006 p. 73).

Mesmo aceitando o conceito proposto por Le Goff (2003), sentimos a falta de uma definição do termo memória mais adequada à realidade da Ciência da Informação, razão por que trazemos Costa (2006), que afirma:

A informação é um conjunto de elementos selecionados pelos indivíduos, dentre uma imensa variedade de itens existentes no mundo exterior. Como um embrião, a informação forma e contém (informação). A repetição dessas impressões [conservadas], ao longo do tempo, encarrega-se de transformar itens selecionados de informações em marcas, traços que constituem o que, convencionalmente, chamamos de memória. A memória então conserva as informações que vão sendo retidas num processo de seleção. [...] Nesse sentido, as informações retidas, que passaram pelo filtro individual (que é também social) são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico (COSTA, 2006, p.17).

Ao abordar a questão do filtro individual, a autora dá ênfase ao grau de subjetividade da memória. Lembramos que a subjetividade também está presente nos processos de aquisição e de apropriação da informação, que subsidiará a construção da memória. Consequentemente, para memorizar, iremos “operar uma classificação de acordo com as modalidades históricas, culturais, sociais, mas também bastante idiossincráticas” (CANDAU, 2011, p. 84). Então, “a lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de ‘seleção mnemônica e simbólica’ de certos fatos reais ou imaginários – qualificados de acontecimentos – que presidem a organização cognitiva da experiência temporal” (CANDAU, 2011, p. 99). Logo, um período de grande concentração de acontecimentos resultará numa memória mais rica em detalhes, porquanto a memória é incapaz de restituir fielmente a duração do tempo (CANDAU, 2011).

Costa (2006) considera também a dimensão social da memória. Mais uma vez, voltamos a Le Goff (2003), para quem a memória é vista como um objeto de poder, em que há até mesmo o que o autor chama de “senhores da memória e do esquecimento”, que validam a sua história ou o seu lado da história como verdade e são responsáveis pela manutenção de uma dada ideologia que mantém o “controle”

sobre a(s) sociedade(s). Podemos usar como exemplo o racismo no Brasil e as tentativas de invisibilizar as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes para o desenvolvimento do país.

Tanto a identidade como a memória são construídas em um espaço histórico e se caracterizam por um movimento contínuo, um processo infinito, que se renova na cotidianidade dos grupos sociais, ao mesmo tempo em que estão sujeitas à corrosão do tempo, ao esquecimento e à destruição. Ambas precisam ser construídas e preservadas para o presente e o futuro, como subsídio para a história, em um constante processo de destruição e reconstrução, adaptando-se às novas contextualidades histórico-culturais. Devemos pensar memória e identidade como um processo em andamento e não como uma coisa acabada (FRAGOSO, 2008, p. 40).

Inferimos, então, que, individual ou coletiva, a construção da identidade está sempre fundamentada numa relação de trocas entre o indivíduo e a sociedade, e é a memória, com ênfase na coletiva, que irá proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertencimento que possibilitará a construção de sua identidade. A identidade emerge “do diálogo entre os conceitos e as definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente e inconsciente) de responder aos apelos feitos por esses significados, de sermos interpelados por eles” (HALL, 1997, p. 8).

5.2.2 A identidade como posicionamento político

Retomando o diálogo com Munanga (2012), falamos um pouco mais sobre a construção da identidade, que pode ser feita de forma objetiva, devido ao conjunto de características culturais e linguísticas, e de forma subjetiva, que é a maneira como o próprio indivíduo ou grupo se define frente aos outros indivíduos ou grupos. Podemos inferir que o processo de construção da identidade tem início com a tomada de consciência dos indivíduos das diferenças entre o “eu” (identidade individual), o “nós” (identidade coletiva) e os “outros” (MUNANGA, 2012).

Canclini (2007) complementa esse pensamento afirmando que, nas sociedades contemporâneas, as identidades formam-se por meio de processos interétnicos e internacionais, em meio aos fluxos criados pelas TIC e às corporações multinacionais; globalização, imagens e informações criadas para serem distribuídas

pelas indústrias culturais (CANCLINI, 2007). “Hoje, imaginamos o que significa ser sujeitos não só a partir da cultura em que nascemos, mas também de uma enorme variedade de repertórios simbólicos e modelos de comportamento. Podemos cruzá-los e combiná-los” (CANCLINI, 2007, p. 201).

Wanderley (2009) assevera que o entendimento da identidade requer alguns outros conceitos, sem os quais seu entendimento seria limitado. São os conceitos de história, de cultura e de memória. Já para Munanga (2012), existem três fatores fundamentais para a construção da identidade: o fator histórico, relacionado à problemática da memória; o linguístico, que estaria dentro dos códigos culturais; e o psicológico, responsável pela tomada da consciência. A partir desses fatores, somos levados a outras variantes que interferem no processo de construção da identidade negra. Constatamos que uma identidade não se sustenta se for construída baseada apenas em critérios raciais (biológicos) sem consciência política ou ideológica. “Afinal, quem é negro?”. Essa é uma pergunta que ilustra a dificuldade de definir uma identidade em critérios puramente raciais (MUNANGA, 2012), visto que a pigmentação da pele e as características morfológicas do seu corpo não seriam suficientes para construir uma identidade que enaltece padrões eurocêntricos de beleza e apregoam uma prática de embranquecimento.

Toda identidade é cultural. O que é pessoal é cultural. O homem está nortado por energias positivas e negativas, que formam uma síntese cultural. Positiva e negativa porque a cultura não é neutra, ela é um jogo, uma negociação, em que os seus agentes selecionam alguns de seus aspectos, aprendem a conviver com ela e a se apropriar dela para manter a luta das tradições culturais, que passam pelo processo de “atualização temporal”, sendo a tradição uma tradução, interpretação e reconstrução do que se diz ser a tradição (WANDERLEY, 2009, p. 113).

Depois de discutir sobre o conceito de cultura e de constatar sua importância, onipresença e poder, concordamos com Munanga (2012) sobre a ideia de que os códigos culturais exercem grande influencia na construção identitária. Vemos o compartilhamento de práticas culturais como uma ação que possibilita ao sujeito ou ao grupo criar e partilhar um sentimento de pertencimento, que irá possibilitar a construção/consolidação de uma identidade. “No entanto, é importante ressaltar que o ‘pertencimento’ não implica aceitação, semelhanças culturais ou etnicarraciais, mas está imbuído de relações de poder, que podem ser também um

‘pertencimento’ aparente” (WANDERLEY, 2009, p. 108). Nesse sentido, o sentimento de pertencimento só é real quando o indivíduo vivencia experiências cotidianas, constrói saberes coletivos e trava as batalhas do dia a dia do grupo em que está inserido (WANDERLEY, 2009, p. 209).

Podemos entender que pertencer “é uma noção vivida pela tensão entre o ontem e o hoje, entre o eu e o outro, entre a solidariedade e o medo e, por fim, entre o situar a si mesmos e, através desse local, ver [...] os outros semelhantes e ser por eles situados” (KOURY, 2010, p. 288). Campos sintetiza a problemática do pertencimento como sendo a necessidade “de articulação e de relacionamento com interlocutores, parceiros de conversação que ajudem na autodefinição como indivíduos” (CAMPOS, 2008, p. 19).

Somos, então, apresentados a mais um dos fatores que interagem na construção da identidade, nesse caso específico da identidade negra, a **negritude**, que baliza uma identidade contrastiva, em oposição à identidade do opressor, a identidade do branco colonizador (MUNANGA, 2012). Refletindo sobre esse conceito, entendemos a **negritude** como um sentimento que une as pessoas, não tendo como critério único a cor de sua pele, que se posiciona contra um apagamento sistemático de suas culturas contra a desumanização imposta por uma ideologia racista. Esse sentimento é um instrumento de luta contra a desigualdade racial. “A **negritude** seria tudo o que tange a raça negra; é a consciência de pertencer a ela [...] sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los, a preservar uma identidade comum” (MUNANGA, 2012, p. 58, grifo do autor).

Através da literatura, pudemos constatar que a construção da identidade está sujeita a uma série de variantes, contudo, quando falamos especificamente na identidade negra, observamos que, no Brasil, construir uma identidade étnico-racial é lutar contra um mito, que termina por se tornar uma ideologia dominante, a Democracia Racial²⁸ que, durante muitos anos, passou e continua passando uma imagem de relações sempre cordiais entre negros (as) e brancos (as), mascara os problemas relacionados a racismos, a discriminações e a preconceitos e retarda debates sobre o multiculturalismo no Brasil (MUNANGA, 2003).

²⁸ O Brasil é o país que se intitula como sendo o primeiro país a viver a democracia racial, defendendo a ideia que os diferentes grupos étnicos vida em condições de igualdade.

Para Aquino (2010)²⁹, a realidade vivida pela população negra, como “os gestos, as relações, a informação, o conhecimento, a sabedoria e os valores culturais do homem africano foram sistematizados no discurso eurocêntrico como nocivos à cultura branca”. É a partir desse discurso que os/as afrodescendentes são desvalorizados/as e invisibilizados/as.

Assim, no Brasil, para se construir uma identidade negra, é necessário integrar um movimento de resistência. Sobre esse aspecto, é importante registrar que, quando lutamos por uma identidade negra, somos acusados de criar uma autodiscriminação ou também um racismo do negro/a contra o branco/a. Portanto, podemos afirmar que a identidade negra é construída “por uma trajetória de luta, de direitos negados, de trabalho, de construção de saberes e de estudos. Assim também são identidades políticas” (WANDERLEY, 2009, p. 138).

A identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de ‘exclusão’. Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania (MUNANGA 2012, p. 16).

Segundo Munanga (2012), existe o que pode ser lido como um complexo de inferioridade do(a) negro(a), cujas causas se devem a um “duplo processo: inferiorização econômica antes, epidermização dela em seguida” (MUNANGA, 2012, p. 81). Alega-se que o preconceito, a discriminação e o racismo que as populações negras sofreram, e ainda sofrem, não decorrem somente da cor de sua pele, mas também da classe social à qual o indivíduo pertence. Contudo, de acordo com a literatura e, principalmente, a realidade que podemos observar, o Brasil é o país que se intitula como o primeiro a viver a democracia racial e que esse fenômeno ocorre pelo fato de o negro ainda ser rotulado, na sociedade, como um ser inferior, sub-humano. Essa ideologia é uma forma de se manter o status quo, em que uma minoria branca detém o poder de estigmatizar e/ou marginalizar os que não detêm o poder.

Por isso, comungamos com Wanderley (2009), em cuja tese afirma que a identidade negra não é construída somente pela identificação,

²⁹ Documento eletrônico, sem paginação.

mas também por compromissos com as lutas e as práticas culturais de identidade afro-brasileira, [...] em que o negro se apropria de sua cultura, história e memória como “pertences” para a afirmação dessa identidade. Apropria-se do que lhes pertence mas, historicamente, é negado, significa construir novas possibilidades de ser africano, de ser afrobrasileiro, tornando-se protagonista da sua própria cultura, história e memória, no cotidiano das lutas coletivas e da afirmação identitária do “ser” afro-brasileiro (WANDERLEY, 2009, p. 110).

Defendemos que, para que possamos vivenciar a extinção ou, pelo menos, reduzir a discriminação, o racismo e o preconceito, precisamos ir além da ideia de tolerância, que pode trazer um falso reconhecimento das diferenças e culminar numa prática de “guetização” em que a ideia é de tolerar enquanto o outro está no seu próprio espaço. Para que isso não ocorra, concordamos com a visão proposta por Canclini (2007) de que precisamos vivenciar as práticas do interculturalismo.

6 OS BLOGS DE FUNK: UM ESPAÇO DE IDENTIDADE

Iniciamos nossa incursão pela blogsfera usando os motores de busca (buscadores) para nos direcionar para os blogs de funk. O critério empregado inicialmente foi o grau de pertinência estabelecido pelos próprios buscadores. Dentre os vários motores de busca disponíveis aos (ciber)sujeitos, temos como nossa primeira opção o *Google* que, em seus resultados, trabalha com a premissa de que as páginas mais populares, ou seja, os mais acessados, apresentam uma quantidade de informações com um grau maior de relevância para o (ciber)sujeito.

Os resultados obtidos nas buscas no Google foram contrapostos com o de outro buscador, o Bing, para criar um panorama mais geral sobre quais seriam os principais blogs de funk no Brasil e, ao mesmo tempo, percorrer toda a blogsfera. Aliamos o resultado dessas buscas à observação realizada nos blogs identificados, considerando a atualização das postagens, a movimentação dos *chats* (quando existentes) e os comentários dos leitores, para, com esses dados, identificar quais seriam os blogs mais importantes de funk no Brasil, sistematizados no Quadro 2.

Quadro 2 - Principais blogs de funk

Nome do blog	Endereço	Homepage
APAFUNK (Associação dos profissionais e amigos do funk) Clássicos do Funk	http://www.apafunk.blogspot.com.br/ http://www.classicosdofunk.net/	
Eternamente Funk Melody	http://eternamentefunkmelody.blogspot.com.br/	
Funk Ostentação Downloads	http://funkostentacaodownloads.blogspot.com.br/	
Funk Proibidão	http://funk-proibidaorj.blogspot.com.br/	

<i>Retro Funk Carioca</i>	http://www.humbertodiscofunk.com/	
<i>Rio Baile Funk</i>	http://www.riobailefunk.net/blog_pt/	

Fonte: Elaborada pelo pesquisador

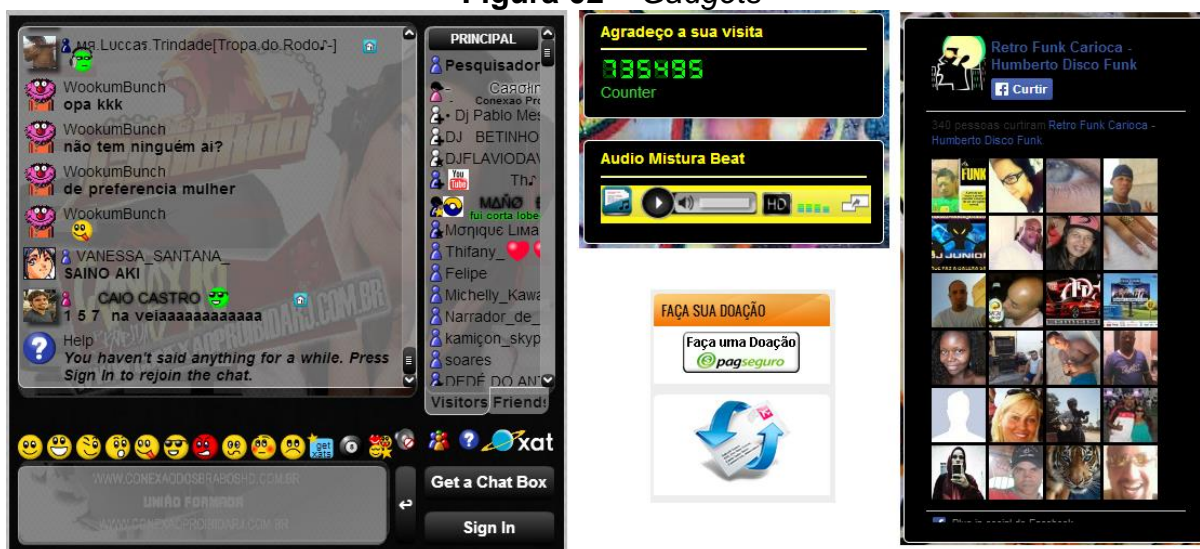
A observação desses blogs aponta para a existência de grandes divergências nele, tanto em relação a sua arquitetura quanto aos conteúdos produzidos. Quanto à arquitetura dos blogs, alguns exibem uma homepage mais simples baseada nos modelos fornecidos pelo *host*³⁰, como por exemplo, o Eternamente Funk Melody, que usa um modelo fornecido pelo Blogger, com algumas poucas customizações. Dos blogs que identificamos, esse é o que apresenta um nível menor de elaboração em sua interface. Os demais blogs que identificamos foram todos desenvolvidos por designers. O artista responsável pela criação é identificado, mas isso não ocorre em todos os blogs, porquanto não apresentam muitas semelhanças entre si.

Um traço presente em quase todos os blogs é a presença de gadgets³¹. As mais frequentes são as rádios online, seguidas pelos *chats*, janelas para “curtir” a página do blog no Facebook. Alguns blogs apresentam *gadgets* bem peculiares, como o blog Clássicos do Funk, que oferece aos visitantes e/ou seguidores a opção de fazer doações em dinheiro para manter o blog e permanecer nele. Alguns desses dispositivos podem ser vistos na Figura 02.

³⁰ Site responsável pela hospedagem, Blogger, Wordpress, entre outros.

³¹ Dispositivos.

Figura 02 – Gadgets



Fonte: Elaborada pelo pesquisador

Ainda em relação à estética dos blogs, constatamos que há um uso exagerado dos *gadgets*, o que gera um excesso de informações que prejudica a navegação dos (ciber)sujeitos, de forma que eles se apresentam com “uma cara” que se enquadraria no *kitsch*, principalmente os que não são desenvolvidos por *designers*. Alguns desses blogs operam em colaboração com movimentos sociais e, além de promover bailes e outros tipos de festa, promove ações culturais como oficinas. Alguns desses blogs se configuram como parte de portais, como por exemplo, o a APAFUNK e o do Rio Baile Funk, que disseminam, em diversos tipos de mídia, vídeos e *podcasts*³², com notícias do cenário musical brasileiro, eventos e projetos sociais, criando um espaço de disseminação da informação musical e étnico-racial.

Nas postagens dos blogs observadas, identificamos uma grande densidade de informações musicais. Grande parte deles tem o objetivo de disseminar *remixes* e álbuns para download. Como uma opção à pirataria, constata-se um aumento de aplicativos, como o Soundcloud, onde os (ciber)sujeitos podem escutar online, sem infringir a lei de direitos autorais. Também é considerável o número de MCs que disponibilizam suas próprias composições como forma de divulgar seu trabalho.

Ainda refletindo sobre a tipologia informacional encontrada nas postagens, apontamos uma escassez da informação étnico-racial nos blogs. Assim, levando em consideração o histórico do gênero, os principais expoentes e as regiões onde tem

³² Arquivos digitais de áudio.

mais adesão, era esperada uma quantidade maior de informações étnico-raciais, especificamente sobre a população negra, que relatasse o cotidiano vivido nos bairros de periferia, onde o funk foi e ainda é consumido em maior escala.

A partir das falas dos sujeitos entrevistados, acreditamos que até mesmo o funk sofre a influência do mito da democracia racial. Hoje o gênero discute muitos assuntos diferentes em suas letras, o que nos foi evidenciado pela fala do Sujeito 1, em sua entrevista, quando questionado sobre se conseguia identificar informações étnico-raciais nos blogs de funk. Veja-se sua resposta:

Acho que o funk não é como o rap que tenta passar uma realidade dos negros, é feito diversificadamente [...] acho que cada um tem seu estilo e o funk tem que continuar com o seu (SUJEITO 1)

Constatamos, com esse depoimento, que, apesar de sua origem, a maioria dos discursos do funk não está voltada especificamente para um grupo étnico-racial específico. Além de divertir, os blogs trazem discursos que denunciam questões diversificadas, como violência policial, sexualidade, religiosidade, entre muitos outros assuntos. A partir dessa resposta do Sujeito 1, perguntamos qual seria “o estilo” do funk em sua visão, e ele deu a seguinte resposta:

Normalmente fala do cotidiano, mas da ostentação, ou seja, realidade de poucos! (SUJEITO 1)

Tomando essa fala como base para a construção do nosso raciocínio, asseveramos que o funk ostentação também retrata os desejos dos indivíduos pertencentes a determinado seguimento da sociedade que almejam, entre outras coisas, uma ascensão social, como uma forma de reconhecimento a partir de desejos instigados pelo próprio funk, assim como a indústria cultural de uma forma geral, ou seja, o funk ostentação fala do cotidiano, porém do cotidiano de poucos, um cotidiano que fica apenas no desejo dos seus ouvintes.

Nas postagens, assim como na maior parte das músicas do funk disseminadas hoje, a atenção se volta para um subgênero específico - o funk ostentação - que surgiu como uma variação paulista do funk carioca, cujas letras focavam temáticas como a vida na periferia, as desigualdades sociais e raciais, a criminalidade e as letras de duplo sentido. O funk ostentação volta-se para assuntos como carros e marcas de luxo, bebidas, joias e mulheres. Também é observada uma

redução do funk irreverente (de duplo sentido), em detrimento das letras de cunho explícito, que fazem referência ao ato sexual.

Em nossa conversa com o Sujeito 2, perguntamos quais são os elementos que faziam com que ele gostasse do gênero. Em sua resposta, ele exibiu um perfil completamente diferente do Sujeito 1, mostrando que não só a música funk é diversificada, mas também o seu público, cujo perfil é diferente.

O funk é um som oriundo das favelas do rio de janeiro. O que mais me faz gostar, é que ele reflete o espírito do brasileiro. O espírito malandro, com uma dose de sensualidade e bem alegre e dançante. Com o tempo, o lado sensual começou a ser usado de forma agressiva, para afastar outros ouvintes, que não sejam da favela, mas isso, em nenhum momento, fez com que o movimento se perdesse. Ainda hoje existem letras criativas e interessantes, para qualquer grupo (SUJEITO 2).

Esse sujeito, que também mantém um blog de funk, mostra conhecer não só o funk como também suas potencialidades, principalmente como um espaço que estimula a igualdade entre os membros das favelas. É interessante notar que a maior parte dos (ciber)sujeitos frequentadores desses tipos de blog dissociam completamente a história e as práticas do funk brasileiro do norte-americano do qual ele se originou. Em momento algum, são estabelecidas ligações entre as duas correntes ou entre artistas como James Brown, que é identificado como o criador do funk, embora o funk brasileiro ainda conserve algumas das características do funk norte-americano como o sentimento de alegria, uma música feita para divertir (SILVA JÚNIOR, 2010).

Outro dado importante na fala do Sujeito 2 é a explicação que ele dá para justificar a questão do apelo que o funk faz à sensualidade ou, como comumente é visto pela maioria, (ciber)sujeitos que produzem conteúdo nesses blogs, como o funk “putaria”, uma forma de usar o pudor para limitar o acesso de pessoas alheias às realidades dessas comunidades, restringindo a circulação e o acesso dessas músicas aos membros da periferia, como fica evidenciado na nuvem de *tags* do blog Funk Ostentação Downloads (Figura 03):

Figura 03 – Nuvem de tags

Putaria (129) Ostentação \$\$
 (94) Outros (46) Video Clipe (33)
 Web Clipe (4) Recomendado (1)

Fonte: Blog Funk Ostentação Downloads

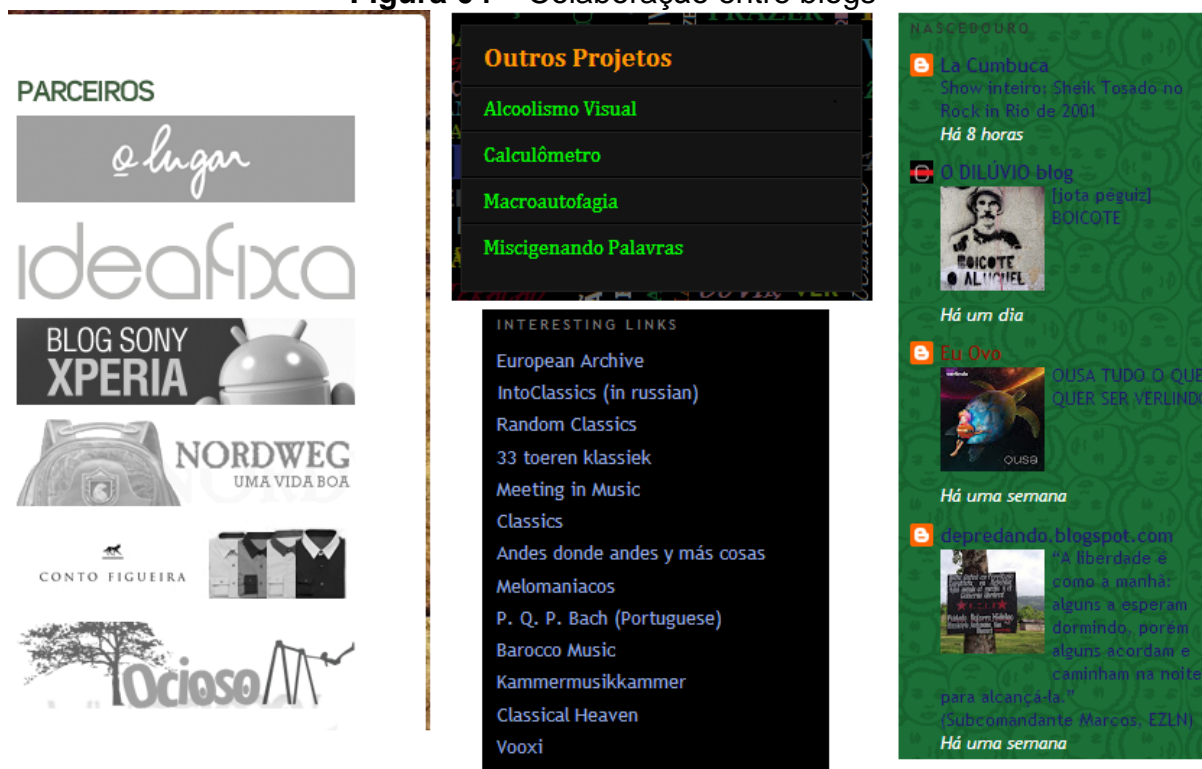
Ressalte-se, contudo, que o crescimento dessa corrente não descaracteriza o movimento como uma forma de dar voz a um grupo que é marginalizado na sociedade, proporcionando a oportunidade de se divertir e, ao mesmo tempo, fazer críticas às condições vividas na periferia.

Dando continuidade ao nosso roteiro de entrevista, perguntamos aos sujeitos da pesquisa se eles tinham o hábito de acompanhar outros blogs funk, que não os deles próprios, e se nesses blogs eles conseguiam identificar a informação étnico-racial. Suas falas mostraram que essa não é uma prática muito comum entre esse seguimento de blogueiros, como refere o Sujeito 2:

Não costumo frequentar outros blogs de funk. Tenho como referência o Funk Neurotico.com, que é feito pelos funkeiros do rio, mas ele mantém mais uma cultura pop do funk, do que explicar mesmo suas origens e novidades musicais. Não vejo informações relacionadas a grupos étnicos específicos em blogs, isso não é algo comum na atualidade. O que as vezes acontece, é uma letra ou outra falar de cor, como no hit é som de preto do Amilca e Chocolate. Outro que já fez alguma coisa, é o Gorila e Preto (como os próprios nomes já dizem) que contam suas histórias nas músicas, mas num tom de piada (SUJEITO 2)

É uma prática comum, em quase toda a blogosfera, que blogs sejam articulados de forma a compor uma rede, independentemente do gênero do blog. A parceria com ele é rotineira, como podemos observar na Figura 04:

Figura 04 – Colaboração entre blogs



Fonte: Elaborado pelo pesquisador

A maioria dos blogs de funk aparece como uma exceção a essa prática. Vimos que os blogueiros voltam a sua atenção para a criação de conteúdos de uma forma individual, embora tenhamos conseguido identificar alguns poucos blogs que fazem parcerias. De todos os que identificamos como os principais blogs de funk, apenas dois fazem recomendações de outros blogs, como o Eternamente Funk Melody e o Retro Funk Carioca. Os demais trabalham de forma isolada.

Ao serem perguntados sobre a informação étnico-racial, nossos entrevistados expressaram que a entendem somente como o texto escrito e desconsideram o texto visual. Assim, constatamos uma divergência entre as falas dos sujeitos e a observação feita pelo pesquisador e que a informação étnico-racial está presente nos blogs, mas não de forma explícita, como é visível na Figura 05.

Figura 05 – Informação étnico-racial



Fonte: Blog Eternamente Funk Melody

Lemos imagens como essas publicadas nos blogs como informação étnico-racial, que promove a afirmação de uma imagem positiva dos negros e das negras e que não passam uma necessidade de se encaixar em padrões estéticos embranquecedores, pelo contrário, nessa imagem, vemos um reforço da estética da cultura da Black Music, identificados pelos headphones da modelo, o som ao lado dela e o grafite como plano de fundo, todos elementos amplamente usados pelo movimento hip hop.

Seguindo com as entrevistas, objetivando compreender o processo de apropriação da informação, perguntamos se aos (ciber)sujeitos se eles usavam as informações disseminadas especificamente em blog de funk em seu cotidiano. Sobre isso, tivemos a seguinte resposta do Sujeito 1:

Não tenho nenhuma ligação com blog e afins, costumo ler apenas alguns relacionado a esportes (SUJEITO 1).

É interessante que essa resposta do Sujeito 1 mostra um paradoxo, pois, apesar de o sujeito ter sido selecionado para a entrevista por seguir blogs de funk, ele não se identifica como integrante dessa comunidade virtual. Notamos que o

processo de apropriação da informação em blog, de maneira geral, não acontece de forma consciente, porquanto os (ciber)sujeitos costumam acompanhar as postagens e, a partir delas, fazer a escuta do funk, desde as músicas que compõem o cenário clássico do gênero até os últimos lançamentos. Eles conhecem os blogs e os tipos de postagem característicos de cada blog. Até citam os blogs como lugares onde podem encontrar determinada música ou artista. Isso amplia o seu *background* sobre o gênero, mas não entendem esse processo como uma forma de se apropriar da informação.

Na pergunta seguinte, voltamos nossa atenção, especificamente, para a construção da identidade negra e questionamos: Através de informações disseminadas nas músicas de funk, uma pessoa poderia passar a se identificar como fazendo parte de um grupo étnico específico, sobretudo a população negra?

Posso dizer que hoje, no Século XXI, não. Se você me fizesse essa pergunta em 1993, há 20 anos atrás, eu diria que sim. O funk já se espalhou pelo mundo inteiro, como o nosso blog mostra. Diversas pessoas, grupos, produtores e mcs, se interessam todo dia pelo funk. Eu sou um paulista, da classe média, pardo e sem aparência de negro, e me interessa e me identifico com o funk (SUJEITO 2).

A partir dessa resposta, voltamos à problemática de como o funk se configura hoje com os seus subgêneros. E, embora continue proferindo discursos politizados, a voz do movimento negro, bastante forte nas décadas de 70 a 90, com nomes como Tim Maia, enfraqueceu dentro desse gênero. Mas é importante salientar que isso não exclui sua existência. Outro dado de grande relevância, nessa fala, é a questão do pertencimento do próprio sujeito, que se identifica como “pardos e sem aparência de negro”. A literatura sobre as temáticas étnico-raciais considera a população negra composta por negros/as e pardos/as. Contudo, a população que não conhece tais discussões entende que o negro, o pardo, o moreno-claro, o moreno-escuro, o moreno-jambo e o marrom-bombom são todos grupos distintos, e desses, os únicos que estão sujeitos ao racismo são os/as negros/as. Portanto, entendemos que, ao se identificar como de classe média e pardo, o Sujeito 2 se vê como uma possível vítima da discriminação racial, presente na sociedade brasileira, que está sob as mais diversas máscaras.

Concluindo nossa conversa com os (ciber)sujeitos, nossa última pergunta foi sobre se eles achavam que o funk poderia ser usado para construir e/ou fortalecer

uma identidade negra. E foi nesse ponto em que as falas dos (ciber)sujeitos entraram em consonância, pois ambos os sujeitos entrevistados discordavam dessa possibilidade, exemplificada pela fala do Sujeito 2.

Assim como eu respondi na pergunta anterior, não. O funk teve um momento bem forte da cultura negra quando criou o beat ‘tamborzão’, onde acrescentou atabaques e tambores a sua batida. Nesse momento, a cultura negra brasileira, se assim puder dizer, foi um dos principais fatores que levaram a construção desse beat. Hoje em dia, o som está muito eletrônico. Poucas pessoas ainda usam percussão física ou até mesmo apresentações instrumentais de funk, fugindo um pouco da cultura negra. Um ponto importante é que o funk essa mais presente nas periferias, onde a concentração de negros é relativamente maior. Mas isso, não quer dizer que funk é som exclusivamente de negro. (SUJEITO 2)

Fica evidente para nós que o funk, hoje, teria como papel fundamental o de entreter, contudo, ainda pode ser lido como um veículo de informação, que pode disseminar informações dos mais diversos tipos, o que inclui a informação étnico-racial. Em sua fala, o Sujeito 2 evidencia a origem do funk na cultura ou no movimento negro. Também salientamos a possibilidade de uma *revival* do funk, em que ele pode retomar o diálogo com suas origens, embora saibamos que esse diálogo está sempre presente, mas, não necessariamente, de forma direta ou explícita.

6.1 AS LETRAS DO FUNK: IDENTIFICANDO A INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E OS POTENCIAIS DE MUDANÇAS

Uma vez estabelecido um primeiro contato com os blogs de funk, voltamos o nosso olhar, especificamente, para as composições. Seleccionamos músicas que apresentam um conteúdo informacional, que lemos como potencial promotor de mudanças sociais, como a redução do racismo, da discriminação e do preconceito, por exemplo.

Como vimos com Dayrell (2001), uma das funções do funk pode ser de criar um espaço de sociabilidade, principalmente para os jovens, que promova ideias de igualdade social, étnico-racial e de gênero. Iniciamos com a apreciação das composições do MC Talysson, como “Fatos da vida”, cuja primeira estrofe apresentamos a seguir:

Revolução do funk a vera música presta si liga
 Nessa lá da favela é o Mc Talysson
 Na disposição manda pesadão funk do morrão
 Salve pro irmãos, dos 4 canto de São Paulo.

Nesse trecho, o compositor explicita o seu contexto como morador do Morro Doce, na cidade de São Paulo, e, ao mesmo tempo, reforça que o funk se originou no Brasil, nos morros cariocas, conhecido como o som das favelas. O compositor também evidencia o valor do funk, observável na primeira estrofe, confrontando uma ideologia de alta cultura ainda presente no Brasil, onde o padrão de cultura e de beleza é indicado pela dita “MPB”, o que faz com que gêneros realmente populares como o funk, o pagode e o forró sejam considerados “menos cultura”. Acreditamos que, ao trazer um sentimento de orgulho quando fala de sua origem, denota o potencial de libertar o funk das críticas advindas com uma imagem pré-concebida.

É interessante salientar que compositores como o MC Talysson, em tempos do funk ostentação, ao salientar que são de origem humilde, professam um discurso que, como entendemos, configura-se como uma forma de resistência, evidenciada no trecho, “da favela é o Mc Talysson”, que vai de encontro à exibição da luxúria recorrente nos funks, que alcançam mais projeção atualmente. Vemos, então, que o funk também é usado para expressar o cotidiano dos membros que integram essas comunidades. Essa ideia é corroborada pelo uso da licença poética nas letras, para evitar as regras formais do idioma português, observado na grafia das palavras, assim como em outros aspectos.

Ainda escutando MC Talysson, voltamos nosso olhar para a música “A cura da mente”, em que identificamos a informação étnico-racial e o compositor se identifica como “preto”, que, nesse contexto, entendemos como sinônimo de negro.

Do lado do preto, bye bye
 concorrência vai dar casamento
 por isso que ela eu amo e respeito, ela
 Eu amo e respeito

Constatamos, nessa composição e no funk, de maneira geral, um espaço para a sociabilidade de jovens e para a criação e/ou consolidação de uma identidade negra. No Brasil, uma das consequências do estigma da escravidão e do racismo ainda muito forte é a excitação em se identificar como negro. Conceição e

Conceição (2010) ilustram bem essa situação, ao afirmar que “é como se fosse deselegante se referir a alguém como negro ou preto, a tentativa é de criar um certo eufemismo quanto a origem e de branquear o conteúdo identificatório” (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2010). Acreditamos que, ao se afirmar como negro, o MC Talysson pode ser usado como modelo pelas pessoas que escutam sua música, porquanto elas se apropriam de tais informações e as usam no processo de (re)construção de suas identidades. Além disso, observamos que o fato de o compositor se identificar como negro não exerce influência negativa em sua autoestima, porque ele afirma sua identidade étnico-racial com a frase “bye, bye, concorrência”, ou seja, em momento algum, o MC se sente diminuído por ser negro.

Outro exemplo de informação étnico-racial nas composições é a música “Normal, mamãe passou petróleo em mim”, dos MCs Gorila e Preto. Essa música, além de afirmar sua identidade étnico-racial, denuncia o racismo sofrido, dosando tudo com bom humor, o que poder ser considerado como uma das características do funk no Brasil, desde sua origem, até os dias atuais.

Nós para tudo, quando chega
Puxa! Nunca fui ladrão
Já me chama de macaco
Me chamou de ouro negro,
Respondi pra ele assim:

Normal, mamãe passou petróleo em mim
Normal, mamãe passou petróleo em mim
Só os amigo e as safada pode me chamar assim.

Nessa composição, evidenciam-se o racismo, a discriminação e o preconceito que a população negra ainda vive no Brasil, onde a imagem do negro também é associada à criminalidade, e ele é reduzido a um mero animal irracional. Essa postura vigora desde a época do escravismo criminoso. Dessa forma, os compositores se posicionam contra a ideologia do branqueamento, que apregoa padrões eurocêntricos de beleza, ao se identificarem como “ouro negro”, reforçando uma imagem positiva da imagem e da identidade negra, ao associá-la a bens como o ouro e o petróleo que, na sociedade contemporânea, podem ser lidos como sinônimos de riqueza.

Podemos, então, evidenciar, tanto nos blogs de funk quanto na própria música funk, o potencial promotor de mudanças e melhorias da informação étnico-

racial e da informação musical, que, uma vez apropriadas, podem ser utilizadas como formas de afirmar a identidade negra. Acreditamos que a Ciência da Informação precisa se esforçar mais para trabalhar as questões da produção, da disseminação, da apropriação e do uso da informação voltadas para uma aplicação social, com ações práticas para promover melhorias na nossa sociedade, sobretudo a igualdade racial.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando fazemos uma retrospectiva, conseguimos ver que foram feitos avanços no que tange à população negra, como a criação de mecanismos de ações afirmativas, o sistema de cotas raciais e a Lei 10.639/03, que institui o ensino da “história e da cultura Afro-brasileira”. Contudo, ainda estamos longe de viver uma sociedade livre do racismo, da discriminação e do preconceito. Acreditamos que uma das maneiras de lutarmos por mais mudanças em prol da população negra é construindo uma identidade negra, que se oponha à ideologia disseminada pelo mito da democracia racial, para que possamos viver o multiculturalismo ou, até mesmo, o interculturalismo.

Os efeitos do racismo ainda são muito fortes, e uma das maiores dificuldades dos que lutam contra ele é a própria identificação do fenômeno, uma vez que ele está presente em todos os segmentos da sociedade de forma mascarada e são poucas as vezes em que se apresenta de forma explícita. Esses efeitos também podem ser vistos na hesitação de alguns sujeitos em se identificar como negros ou negras. Nesse contexto, defendemos a construção de uma identidade negra como uma forma de resgatar a autoestima de uma população que ainda é marginalizada e carrega os estigmas da escravidão criminosa, assim como padrões estéticos de beleza eurocêntricos e embaquecedores que sentenciam o negro e a negra a serem rotulados como feios, preguiçosos ou simplesmente pertencentes a uma classe inferior. Vemos, na consolidação de uma identidade negra, outra forma de ressignificar a autoimagem de um ponto de vista positivo.

Vemos na música uma maneira de se expressar de forma livre, e a música, assim como a informação musical, tem potencialidades diversas, dentre elas, a de denunciar uma realidade vivida ou reforçar uma ideia. Todavia, como observamos nas falas dos sujeitos entrevistados, existe o que entendemos ser uma lacuna no funk em relação a composições que contemplem especificamente a população negra. Vemos o cenário do funk atual como uma área que vive sob o domínio do mito da democracia racial, e seus compositores e ouvintes, de forma geral, não o identificam como um dispositivo que possa ser usado com esse fim.

É muito comum ouvir, nesse *nicho* cultural, o termo funk consciente, contudo, uma vez concluída nossa pesquisa, acreditamos que o gênero ainda não explora todas as suas potencialidades, podendo fazer um uso mais da informação

étnico-racial ou a adoção de posturas que possam ser lidas como sendo mais engajadas politicamente.

Refletindo sobre o contexto dos blogs, ambientados na cibercultura, vemos todo esse dinamismo como um catalisador dos processos de construção e/ou consolidação da identidade negra, como nos diz Lima (2009):

Sabemos que as identidades étnicas se constroem, não só interação, mas também na identificação com um grupo [que em nosso contexto de pesquisa seriam os blogs], ganha uma complexidade maior com o acesso a internet e a imersão na cibercultura, visto que a troca de símbolos culturais é intensa (LIMA, 2009, p. 94)

A partir dos dados analisados, acreditamos que o funk tem potencial para construir a identidade, contudo, por se tratar de uma forma de expressão que precisa atender a expectativas de mercado, esse potencial de promover mudanças fica em segundo plano e dá espaço para fenômenos como o funk ostentação, que hoje é responsável por uma parte considerável do consumo desse gênero, e as questões étnico-raciais terminam sendo consideradas por muitos como algo irrelevante.

Ao falar em construção da identidade negra, defendemos que esse processo se dá de forma mais fluida, ou até mesmo mais fácil, quando o (ciber)sujeito tem um modelo, não um modelo de identidade, mas de pessoa que levanta a bandeira em relação ao seu pertencimento étnico-racial. Assim, a música, por meio dos seus artistas - os MCs - pode ser interpretada como modelos que permitam ao sujeito questionar a respeito do seu pertencimento étnico-racial.

Para compreendermos como a identidade negra pode ser construída por meio do funk, tiveram papéis fundamentais os conceitos de informação musical e informação étnico-racial, que nos forneceram o embasamento para compreendermos esse processo, aliado a um longo período de observação e integração com a comunidade, ou, mais especificamente, as comunidades virtuais que compuseram o corpus da pesquisa.

Além disso, constatamos que se identificar como negro ou negra é mais do que traços fenótipos, mas um posicionamento político cuja base é o sentimento de pertencimento em conjunto com a crítica e a participação social, que estabelece um vínculo entre o sujeito com outro sujeito, assim com o ambiente onde está situado.

Ao identificar quais são, atualmente, os blogs mais importantes de funk, conseguimos fazer uma reflexão sobre a produção dos conteúdos postados neles como uma forma de participar socialmente da ativa na cibercultura e, através desses conteúdos, compreender como e quando se dá a apropriação da informação musical e a étnico-racial e se elas podem ser usadas para construir o quebra-cabeça identitário.

Asseveramos que os blogs de funk também se configuram como uma forma de democratizar informações e de produzir músicas dos mais diversos usuários, que consideram os blogs como uma forma de disseminar suas músicas e minimizam o papel da indústria musical com mais liberdade de se expressar, que pode ser utilizada para consolidar a identidade negra.

Laçamos, então, um desafio, tanto para os/as pesquisadores/as quanto para os blogueiros e os MCs, de potencializar o uso da informação musical e étnico-racial como um dispositivo promotor da igualdade racial e, como consequência, redutor das disparidades entre negros/as e brancos/as vividas em nossa sociedade.

A partir deste estudo, almejamos ampliar as aplicações da Ciência da Informação num contexto social, além das unidades de informação e dos estudos sobre produção científica, empregando a informação para promover mudanças na sociedade além da Academia.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Exedra, Coimbra, n. 5, p. 117-133, 2011.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALVES, Amanda Paloma. Do blues ao movimento pelos direitos civis: o surgimento da “black music” nos Estados Unidos. **Revista de História**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 50-70, 2011.
- ALVES, Edvaldo Carvalho; AQUINO, Mirian de Albuquerque. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGI/UFPB – 2008 a 2012. **Inf. & Soc.: estudos**, João Pessoa, v. 22, n. especial, p. 79-100, 2012.
- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella (Orgs.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. A Ciência da Informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p.9-16, set/dez. 2007.
- _____. O novo status da informação e do conhecimento na cultura digital. **Inf. & Soc.: estudos**. João Pessoa, v 18, n. 1, p. 79-100, jan./abr. 2008.
- _____. **Memória da Ciência: a (in) visibilidade dos (as) negros (as) na produção do conhecimento da Universidade Federal da Paraíba**. João Pessoa, 2009.
- _____. **A imagem afrodescendente na escola: silêncio e sentidos na versão que ficou**. Disponível em: <<http://www.ldmi.ufpb.br/mirian/A%20IMAGEM%20DOS%20AFRODESCENDENTE%20NA%20ESCOLA%20%DALTIMA%20VERS%C3O.pdf>> Acesso: 10 nov. 2010.
- ARAÚJO, Artur Vasconcelos. **Weblog e jornalismo: os casos de no mínimo weblog e observatório da imprensa (Bloi)**. 2006. 582 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- BERND, Zilá. **Racismo e anti-racismo**. São Paulo: Moderna, 1994.
- BOSSLER, Ana Paula; CALDEIRA, Pedro Zany; VENTURELLI, Diego. Sites e blogs: definição, conceitos e passo a passo. In: MOURA, Maria Aparecida (Org.). **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas**. Belo Horizonte: Editora UFMG; PROEX, 2011.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2003.

_____. **Uma história social do conhecimento**: da enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2012.

CAMPOS, Ana Cláudia Borges. “Ser ou não ser”: o dilema das identidades no Brasil. **SINAIS** – Revista Eletrônica do NEI, Vitória, v. 1, n. 4, p. 03-25, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Ideología, cultura y poder** – cursos y conferencias. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1995.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Bookman; Artmed, 2009.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995. p. 179-192. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>>. Acesso em: 07 set. 2011.

COELHO NETTO, José Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz; CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. A construção da identidade afrodescendente. **Revista África e Africanidades**, ano 2, n. 8, fev. 2010.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na Corte do Rio de Janeiro. **R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. especial, p. 15-26, 1º semestre, 2006.

CRUVINEL, Flávia Maria. **Educação musical e transformação social**: uma experiência com ensino coletivo de cordas. Goiânia: Editora, Instituto Centro-brasileiro de Cultura (ICBC), 2005.

CRUZ, Fernando William. **Necessidade de informação musical de usuários não especializados**. 2008. 325 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendente na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: MEC, 2005.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, 1978.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. São Paulo; 2001. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** 2. ed. São Paulo: 34, 2004.

DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, p. 37-42, maio/ago. 2000.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Ed. virtual. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. In: **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 3, set./dez., 1992.

_____. **Paradigmas modernos da ciência da informação: em usuários, coleções, referência e informação**. São Paulo: Polis; APB, 1999.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-memória: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa**. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FREIRE, Gustavo Henrique. Ciência da informação: temática, história e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FROHMANN, Bernard. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de. **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; FUNDEPE; FAPESP, 2008.

GLADWELL, Malcom. A revolução não será tuitada. **Observatório da imprensa**, n. 772, ano 17, 2010. Disponível em:

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-revolucao-nao-sera-tuitada>>. Acesso: 13 nov. 2013

GLEASON, Philip. Identifying identity: a semantic history. **The journal of american history**, v. 69, n. 4, p. 910-931, mar. 1983.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, J. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUEDES, Maurício da Silva. **“A música que toca é nós que manda”**: um estudo do “proibidão”. 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GUIA ilustrado Zahar: música clássica. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2: p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. **Da diáspora: identidade e medições culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2002.

HOBSBAWN, Eric J. **História social do jazz**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KINCHELOU, Joel L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, set./dez., p. 286-311, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LE COADIC. **A Ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et. al. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: 34, 2000.

LIMA, Celly de Brito. **Identidades afrodescendentes**: acesso e democratização da informação na cibercultura. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; SANTINI, Rose Marie. Música e cibercultura. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n, 40, dezembro de 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. Estudos dos blogs e da netnografia: possibilidades e limitações. **Novas tecnologias na educação**, Porto Alegre: CINTED-UFRGS, v. 4, n. 2, dez. 2006. Disponível em <<http://redessociaisinclusao.pbworks.com/f/MontardoPasserinoRenote.pdf>>. Acesso: 25 ago. 2011.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

MOTA, Ana Roberta de Sousa. **Memória iconográfica**: uma análise da representação das imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado da Paraíba. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)– Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MOURA, Wagner Aparecido. **A sedução discursiva da música créu**. Cadernos do CNLF, v. 19, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/380-398.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2010.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil: In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 177-187.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PENESB, 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2009.

_____. **Negritude**: usos e sentidos. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia**: uma aplicação do conceito de informação étnico-racial ao projeto “A Cor da Cultura”.

2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVERA, Anagêssica Fernandes Nonato de; SANTOS, Edilânia Paulo dos. Blogosfera: blog como fonte de informação. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, São Luís. **Anais...** São Luís, 2011. Disponível em <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/BLOGOSFERA%20blog%20como%20fonte%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 02 set. 2011.

ORTIZ, R. **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

PACHECO, Leila Maria Serafim. A informação enquanto artefato. **Informare:** cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Brasília, v. 1, n. 1, p. 20-24, jan./jun. 1995.

PEREIRA, Sónia. Estudos culturais de música popular: uma breve genealogia. **Exedra**, Coimbra, n. 5, 2011.

PINHEIRO. Lêna Vânia Ribeiro. Informação: esse obscuro objeto da Ciência da Informação. **Morpheus**, ano 2, n. 4, 2004. Disponível em <<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero04-2004/lpinheiro.htm>> Acesso em: 01 nov. 2010.

_____. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Inf. & Soc.:** estudos. João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

REBS, Rebeca Recuero. Reflexão epistemológica da pesquisa netnográfica. **Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília**. Brasília, nº 8, jan./jun., 2011.

SANTINI, Rose Marie; LIMA, Clóvis Ricardo M. de. **Difusão de música na era da internet**. Disponível em <<http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/pdf/ClovisMontenegroDeLimaRoseSantini.pdf>> Acesso: 05 nov. 2010.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Blogs e Wikis: duas formas de colaboração em redes sociais. **Revista Ciência em Movimento**, ano XIII, nº 26, jan./jun. 2011.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jul. 1996.

SCHNEIDER, S.; FOOT, K. Web sphere analysis: an approach to studying online action. In: HINE, C. (Org.). **Virtual methods:** issues in social research on the internet. Oxford: Berg, 2005.

SHALINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SILVA, Cidinha. Funk carioca: crime ou cultura? In: **Revista África e Africanidades**. ano 1, n. 4, fev. 2009.

SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da. **A informação musical como possibilidade de construção da identidade afrodescendente na cibercultura**. 2010. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SILVEIRA, Henrique Flávio Rodrigues da. Um estudo do poder na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 79-90, set./dez. 2000.

SOUZA, Cleidson de. **Etnografia em CSCW**. 2007. Disponível em <http://www.ufpa.br/cdesouza/teaching/cscw-2007-2/Site/Aulas/7B70F61F-B844-4895-A937-E1ECAB92BC20_files/2-2-ethnography-1.pdf>. Acesso: 31 ago. 2011.

STASSUN, Cristian Caê Seemann; ASSMANN, Selvino José. O desejo de ser notado e encontrado na internet. **Cadernos de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**, Florianópolis, v. 13, n. 102, p. 153-177, jan/jun. 2012.

TOMAÉL, Maria Inês *et. al.* Avaliação de fontes de informação na internet: critérios de qualidade. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 13-35, 2001. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/>>. Acesso em: 7 maio 2007.

URTADO, Miguel. **Objetos multimídia para o ensino online: desenvolvimento, aplicação e análise**. 2008. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. **A construção da identidade afrobrasileira nos espaços das Irmandades do Rosário do sertão paraibano**. 2009. 258 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell**. Petrópolis: Vozes, 2011.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: outra história das músicas**. 2. ed. São Paulo Companhia da Letras, 2009.

ZEMAN, Jirí. Significado filosófico da noção de informação. In: ROYAUMONT, Cahiers de. **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970 (Ciência e informação, 2).

APÊNDICE

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

Mestrando: Jobson Francisco da Silva Júnior

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Mirian de Albuquerque Aquino



Este roteiro de entrevista faz parte da pesquisa de Mestrado intitulada “A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA A PARTIR DA INFORMAÇÃO MUSICAL EM BLOGS”, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa objetiva analisar processos de acesso, apropriação e uso da informação musical na construção da identidade de jovens negros e negras, tendo como foco os blogs voltados para a música funk.

Dados de identificação: nome, idade, sexo, identificação racial, escolaridade, naturalidade, residência:

- 1) O que faz você gostar do funk?
- 2) Você mantém algum blog ou participa dele?
- 3) Quais os blogs voltados para o funk que você costuma ler/acompanhar? Consegue identificar, nesses blogs, informações relacionadas às questões étnico-raciais (relativas a grupos étnicos, por exemplo, negro, índios etc.)?
- 4) Você utiliza as informações disseminadas nesses blogs em seu cotidiano? Se sim, de que forma?
- 5) Você acha que, através de informações disseminadas nas músicas de funk, uma pessoa poderia passar a se sentir fazendo parte de um grupo étnico específico, sobretudo a população negra?
- 6) Em sua visão, o funk poderia ser usado para construir e/ou fortalecer uma identidade negra?

ANEXOS

ANEXO A – Fatos da vida

Revolução do funk a vera música
presta se liga

Nessa lá da favela é o Mc Talysson

Na disposição manda pesadão funk do
morrão

Salve pros irmãos, dos quatro canto de
São Paulo

Revolução do funk a vera música
presta si liga

Nessa lá da favela é o Mc Talysson

Na disposição manda pesadão funk do
morrão

salve pros irmãos, dos quatro canto de
São Paulo

Sempre lutando pela a humildade,
levando a vida

Sem grau de maldade to ai na
atividade,

Demonstrando o meu som, carrego na
mente

Os mano chapa quente que
infelizmente

Não tão mais com a gente o Dudu

Zóio, Buiu e pra sempre o Felipe
boladão, de toda a

Frequência sem a menisquência só
inovando

e desenrolando e do meu som geral já
tá gostando,

Isso é tudo que eu sonhei, então pode
pá a arte de

Canta de improvisar de me expressar
meus objetivos

Eu vou alcançar aumentar o que eu
falei Deus,

me de Moradia no meu coração desejo

PJL pro irmãos,

um Salve lá pra família sem noção os
muleque são dos meus

Lembrando daquele show no Bicudão,
eu subir no Palco com a cara no chão
mais os parceiro é tudo

Humildão, sempre me fortaleceu só
reconhecendo quem

Me ajudou, quem acreditou, quem me
apoio, quem me

Deu valor e quem me criticou eu não
to de brincadeira

Recalque é foda mais deixo de lado
Mc Talysson é Lek

treinado mais si liga que eu to fechado
com dj romario e o ferreira

Revolução do funk a vera música
presta si liga

Nessa la da favela é o Mc Talysson

Na disposição manda pesadão funk do
morrão

Salve pro irmãos, dos quatro canto de
São Paulo

Revolução do funk a vera música
presta si liga

Nessa lá da favela é o Mc Talysson
Na disposição manda pesadão funk do
morrão

Salve pro irmãos, dos quatro canto de
São Paulo

Vários rolê pra agente cola, vários
baile pra

Agente tocar profissionalismo eu tenho
que estudar

Que é pra eu poder crescer,
tem várias novinhas pra Agente pegar,
tem o Red leibo que é pra nois chapa,

Tem o Red Bull que é pra misturar
quando o bonde for Beber,
voltando do baile bolado de Vibe loco
pra Bater

a nave mais nois é pura humildade,
mano Preste atenção nois vem
derrubado geral amuado

Sonolento pra caralho mais com o
bolso sempre

Estufado quase dormindo no Busão
por isso agradeço

Ao meu Senhor que me levantou com
muito amor

e quem Me atraso eu não guardo
ranco mais também não pago

Um pal agora passou a fase de sofrer,
de amor me Prender de me arrepender
si tu não me quer então Vai si fuder
não fico passando mal,
um salve pro dois que é a minha
quebrada, e a 5ª área, e a 6ª área,

Parceiro na 7ª o chicote estrala 16 e
22,

Santa fé E 4ª é o talibã também Canaã
e lá no Rosinha
é o Vetinã não deixei para depois

Revolução do funk a vera música
presta si liga

Nessa la da favela é o Mc Talysson
Na disposição manda pesadão funk do
morrão

Salve pro irmãos, dos 4 canto de São
Paulo

Revolução do funk a vera música
presta si liga essa

La da favela é o Mc Talysson
Na disposição manda pesadão funk do
morrão

salve pro irmãos, dos 4 canto de São
Paulo

ANEXO B – A cura da mente

Relembro lembro do tempo, eu já tô
quase pra me
Jogar, vários pensamentos ao vento a
fúria da mente
É feita pra se explicar, cabeça virada
mente
Revoltada a culpada era a droga, hoje
diferente a

Cura da mente venha conhecer agora,
agora não quero
Revolta desejo muita humildade, amor
e paz eu peço
Pra Deus que me livre do mal que o
ser humano faz
Eu quero vencer, eu vou conquistar,
eu vou me

Esforçar e vou alcançar, a um tempo
atrás eu tava
Até meio desequilibrado tantas
atitudes pra se
Arreponder mais passado é passado
seguir os
Problemas e hoje não me iludo me
sinto orgulhoso

Estando de pé depois de ter passado
por cima de
Tudo com ajuda de alguém que
permaneceu nesses

Piores momentos, tô junto contigo e
não me
Arrependo, Haninha, te amo memo, já
desde o veneno

Do lado do preto, bye bye
concorrência vai dar casamento
por isso que ela eu amo e respeito, ela
Eu amo e respeito

Progresso é si levantar na favela ou
em qualquer
Lugar, se levantar e o recalque
decepcionar me
Levantar conquistar tudo que eu quero
pra mim, me
Levantar fazer uma trajetória e ser feliz

É si levantar na favela ou em qualquer
lugar, se
Levantar e o recalque decepcionar me
levantar
Conquistar tudo que eu sempre quis,
me levantar a
Minha mente tá curada sim

A mente tá curada sim, a minha mente
tá curada sim

A fúria da mente, na guerra contra a
revolta já

Lutou e graças a Deus isso foi
decidido o

Conflito ela ganhou, sem eu perceber
já tinha

Mudado de menor bolado e sempre
revoltado passei

Pra moleque mais civilizado, sair do
errado é foda

Pois é bem mais fácil tu entrar motivo,
respeito,

Dinheiro e poder o presente é se jogar,
mais isso

Não da, não vai compensar fique firme
e forte e

Sem fracassar que o progresso
mesmo é si levantar

O progresso é se levantar, se levantar

Progresso é si levantar na favela ou
em qualquer

Lugar, se levantar e o recalque
decepcionar-me

Levantar conquistar tudo que eu quero
pra mim, me

Levantar fazer uma trajetória e ser feliz

Si levantar na favela ou em qualquer
lugar, se

Levantar e o recalque decepcionar me
levantar

Conquistar tudo que eu sempre quis,
me levantar a

Minha mente tá curada sim

A minha mente tá curada sim, a minha
mente tá curada sim .

ANEXO C – Mamãe passou petróleo em mim

Nós para tudo, quando chega
 Puxa! Nunca fui ladrão
 Já me chama de macaco
 Me chamou de ouro negro,
 Respondi pra ele assim:

Normal, mamãe passou petróleo em mim
 Normal, mamãe passou petróleo em mim
 Só os amigo e as safada pode me chamar assim

Normal, mamãe passou petróleo em mim
 Normal, mamãe passou petróleo em mim
 Só os amigo e as gostosa podem me zuar assim

Mais veio querendo de pá
 E perguntou pra mim
 O que é que eu tou fazendo
 Pra que minha pele brilhe assim?
 Eu cheguei no ouvido dele
 E respondi desse jeitim

Nós para tudo, quando chega
 Puxa! Nunca fui ladrão.
 Já me chama de macaco
 Me chamou de ouro negro,
 Respondi pra ele assim:

Normal, mamãe passou petróleo em mim
 Normal, mamãe passou petróleo em mim
 Só os amigo e as safada pode me chamar assim

Normal, mamãe passou petróleo em mim
 Normal, mamãe passou petróleo em mim
 Só os amigo e as gostosa podem me zuar assim

Mais veio querendo de pá
 E perguntou pra mim
 O que é que eu tou fazendo
 Pra que minha pele brilhe assim?
 Eu cheguei no ouvido dele
 E respondi desse jeitim